

UNIVERSIDADE VILA VELHA – ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**REFLEXIVIDADE E PROJETO AGENCIAL: A TRANSFORMAÇÃO
BIOGRÁFICA DE UM EX-TRAFICANTE**

DARLAN DA SILVA FERREIRA

VILA VELHA
2023

UNIVERSIDADE VILA VELHA – ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**REFLEXIVIDADE E PROJETO AGENCIAL: A TRANSFORMAÇÃO
BIOGRÁFICA DE UM EX-TRAFICANTE**

Dissertação apresentada à Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política para a obtenção do título de Mestre em Sociologia Política.

DARLAN DA SILVA FERREIRA

VILA VELHA
2023

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

D586r Ferreira, Darlan da Silva.
Reflexividade e projeto agencial : a transformação biográfica de
um ex-trafficante / Darlan da Silva Ferreira . – 2023.
78 f.

Orientador: Tiago Nogueira Hyra e Chagas Rodrigues
Dissertação (mestrado em Sociologia Política) - Universidade
de Vila Velha, 2023.
Inclui bibliografias.

1. Sociologia Política. 2. Drogas. 3. Prisão (Direito penal).
I. Rodrigues, Tiago Nogueira Hyra ; Rodrigues, Chagas
III. Universidade Vila Velha. IV. Título.

CDD 306.2

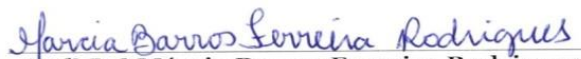
DARLAN DA SILVA FERREIRA

**REFLEXIVIDADE E PROJETO AGENCIAL: A TRANSFORMAÇÃO
BIOGRÁFICA DE UM EX-TRAFICANTE**

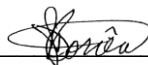
Dissertação apresentada à Universidade
Vila Velha, como pré-requisito do
Programa de Pós-Graduação em
Sociologia Política para a obtenção do
título de Mestre em Sociologia Política.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2023,

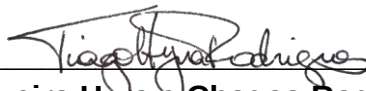
Banca Examinadora:


Prof^a Dr^a **Márcia Barros Ferreira Rodrigues**
Professora Titular do DCSO/UFES e Coordenadora Geral do NEI/UFES

Dra. Márcia Barros Ferreira Rodrigues – (UFES)



Dr. Diogo Silva Corrêa – (UVV)



Dr. Tiago Nogueira Hyra e Chagas Rodrigues - (UVV)
Orientador

Aos meus familiares, em especial a você meu pai, que mesmo não estando mais aqui fisicamente, seus conselhos e ensinamentos sempre estarão em minha mente e coração. Ao meu pequeno Davi, por elevar o sentimento de amor a uma dimensão nunca antes por mim imaginada.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer ao meu Deus, Jesus Cristo, por tornar todas as possibilidades possíveis, por ser a minha luz nos momentos mais sombrios e por me fazer senti-lo sempre que me comprometo a buscá-lo.

Minha gratidão aos meus familiares por tanto me ajudarem a desenvolver esta pesquisa em um ambiente de paz, amor e tranquilidade.

Agradeço aos professores que fizeram parte desta jornada no mestrado, em especial ao professor Tiago Nogueira Hyra e Chagas Rodrigues por me orientar, provocar e dar direcionamento à pesquisa; professor Diogo Silva Corrêa com quem tanto aprendi sobre problemas íntimos e transformação biográfica; professora Márcia Barros Ferreira Rodrigues pelos encontros nos seminários de Sociologia e Psicanálise e por aceitar os convites para participar das bancas deste trabalho.

Por fim, quero agradecer ao João, sem o qual este trabalho não seria possível, por aceitar e abrir sua vida para este pesquisador; por me fazer sentir merecedor de sua confiança; por me dar liberdade de investigação, e por muito me ensinar em nossas interações.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	x
LISTA DE QUADROS	xi
RESUMO.....	xii
ABSTRACT	xiii
1 INTRODUÇÃO	14
2 REFLEXIVIDADE E PROJETO AGENCIAL.....	18
2.1 Reflexividade (Conversas Internas)	19
2.2 A Exterioridade das Conversas Internas.....	28
2.3 Projeto Agencial e Campo de Possibilidades.....	32
3 A PESQUISA, O PESQUISADO E A TRANSFORMAÇÃO BIOGRÁFICA	36
3.1 A Pesquisa.....	36
3.2 Sobre o Pesquisado (Estigma de um ex-detento).....	39
3.3 O Pesquisado	43
3.3.1 Morar com os avós / Morar com os pais	45
3.3.2 A morte dos avós e o retorno para a casa dos pais.....	47
3.3.3 “A vida” no tráfico.....	49
3.3.4 Foragido por um ano.....	52
3.3.5 A Prisão	53
3.3.6 Livre novamente	62
3.4 A Transformação Biográfica.....	65
3.4.1 As experiências e as conversas internas.....	66
3.4.2 Conversas internas e transformação biográfica.....	74
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	81

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. A Sequência Morfogenética Básica	21
Figura 2. Resumo da sistematização 'Preocupações – Projetos – Práticas'	26

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Síntese analítica da narrativa de vida de João.	64
Quadro 2. Síntese analítica das experiências e conversas internas de João.	76

RESUMO

FERREIRA, Darlan da Silva, M. Sc, Universidade Vila Velha – ES, fevereiro de 2023.
Reflexividade e Projeto Agencial: A Transformação Biográfica de um ex-trafficante. Orientador: Tiago Nogueira Hyra e Chagas Rodrigues

Esta dissertação baseia-se em pesquisa biográfica focada na trajetória de João. Trata-se de alguém que aos quatorze anos de idade já fazia uso de drogas ilícitas, e, na mesma época, enxergou como oportunidade começar a participar do tráfico de drogas no bairro onde vive. Em certo momento de sua trajetória, João foi preso e condenado por tráfico de drogas e porte ilegal de armas, sobre o qual recaiu uma pena de sete anos e cinco meses de reclusão, três dos quais em regime fechado. Após receber o alvará de soltura, João procurou afastar-se das práticas ilícitas de outrora e seguir um caminho diferente, uma outra vida. Procura-se compreender o que chamamos de ‘transformação biográfica’ do personagem, a partir da seguinte questão central: Considerando que as circunstâncias sociais, as quais são externas ao agente, pouco se alteraram, partimos da hipótese de que o agente internamente mudou, a partir de novas preocupações, delineadas reflexivamente por meio de conversas internas. Com apoio na ideia de uma “sociologia em escala individual”, destacaremos eventos extremos e traumáticos pelos quais o pesquisado passou, os quais diretamente influenciaram em suas conversas internas, alterando seus projetos – os quais são formulados e construídos dentro de um campo de possibilidades –, suas respostas às circunstâncias sociais, e sendo assim, em suas práticas sociais. Por meio de método de investigação baseado em entrevistas semiestruturadas, a pesquisa tem a pretensão de compreender uma trajetória de “saída do crime”, contribuindo para mostrar as motivações, reflexões e dificuldades de quem decide não reincidir em práticas criminosas.

Palavras-chave: Reflexividade; Projeto; Estigma; Ex-trafficante; Transformação biográfica.

ABSTRACT

FERREIRA, Darlan da Silva, M.Sc, University of Vila Velha – ES, February, 2023.

Reflexivity and Agency Project: The Biographical Transformation of an ex-trafficker. Advisor: Tiago Nogueira Hyra e Chagas Rodrigues.

This dissertation is based on a biographical research focused on João's trajectory. This is someone who at the age of fourteen was already using illicit drugs, and, at the same time, saw it as an opportunity to start participating in drug trafficking in the neighborhood where he lives. At a certain point in his career, João was arrested and convicted of drug trafficking and illegal possession of weapons, on which he was sentenced to seven years and five months in prison, three of which in a closed regime. After receiving the release permit, João sought to move away from the illicit practices of the past and follow a different path, another life. We seek to understand what we call the 'biographical transformation' of the character, based on the following central question: Considering that the social circumstances, which are external to the agent, have changed little, we start from the hypothesis that the agent has changed internally, from new concerns, reflexively outlined through internal conversations. Supported by the idea of a "sociology on an individual scale", we will highlight extreme and traumatic events that the researched person went through, which directly influenced his internal conversations, changing his projects – which are formulated and built within a field of possibilities – his responses to social circumstances, and as such, in his social practices. Through an investigation method based on semi-structured interviews, the research intends to understand a trajectory of "getting out of crime", contributing to show the motivations, reflections and difficulties of those who decide not to relapse into criminal practices.

Keywords: Reflexivity; Project; Stigma; Ex-drug dealer; Biographical transformation.

1 INTRODUÇÃO

Este é um trabalho sobre mudança de vida, sobre transformação biográfica. Não se trata de mudança de ‘nome próprio’, ou seja, da identidade rígida e duradoura instituída socialmente para a representação da individualidade biológica do *agente* (BOURDIEU, 2011a); ou alteração do ‘bilhete de identidade’, enquanto documento que prova que o possuidor é efetivamente quem pretende ser (KAUFMANN, 2004).

Transformação biográfica, como aqui se apresenta, significa tornar-se diferente do que se era antes; mudar as práticas sociais; o comportamento; as avaliações; não mais dar o mesmo sentido que se dava antes às circunstâncias e relações sociais mais elementares e rotineiras da vida; *devir*¹ (ZOURABICHVILI, 1997); reformular metas e quebrar a rotina diária (CORRÊA; TALONE, 2021); mudar o curso de ação, o projeto agencial, como consequência de preocupações e anseios últimos, delineados por processos reflexivos..

Evidentemente, transformação biográfica indica que estamos fazendo uma abordagem sobre a vida de alguém, e aqui, para a marcação de um território e para não entrar na discussão da constituição social do indivíduo, o trataremos primordialmente como um *agente*, ao invés de ator, sujeito, indivíduo, personagem, autor, entre outros, sendo que todas estas palavras “[...] designam o ‘homem nas formas de vida social’” (LAHIRE, 2002, p. 10).

Não se trata, no entanto, de reconstruir uma noção de trajetória, com o propósito de unificação e totalização do *eu*, com início e fim bem delimitados. Focamos em apenas uma posição – dentre as mais plurais possíveis – do agente no campo social, aquela que mais interessa à pesquisa, caso contrário seria, como “alerta” Bourdieu (2011a, p. 81), “[...] tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações”.

Cabe ressaltar que não estamos atribuindo ao agente uma identidade, ou ainda, atribuindo qualquer estereótipo depreciativo que possa reforçar as bases

¹ “Devir” é certamente e em primeiro lugar mudar: não mais se comportar ou sentir as coisas da mesma maneira; não mais fazer as mesmas avaliações. Sem dúvida, não mudamos a nossa identidade: a memória permanece, carregada de tudo o que vivemos; o corpo envelhece sem metamorfose. Mas “devir” significa que os dados mais familiares da vida mudaram de sentido, ou que nós não entretemos mais as mesmas relações com os elementos costumeiros de nossa existência: o todo é repetido de outro modo (ZOURABICHVILI, 1997:2).

objetivas de estigma (GOFFMAN, 2004). Ao identificarmos o agente como ‘ex-traficante’, como consta no título e no desenvolvimento deste trabalho, estamos nos baseando na Lei brasileira quanto à prática de tráfico ilícito de drogas (artigo 33 da Lei 11.343/2006), a qual foi utilizada para fundamentar a decisão judicial que resultou no encarceramento do sujeito de pesquisa. Sendo assim, estamos nos referindo ao abandono destas práticas para “classificá-lo” como ‘ex-traficante’, que de modo algum pretende ser totalizante ou constituinte de identidade social.

Torna-se também relevante destacar o entendimento de que a narrativa de vida pode variar, tanto no conteúdo quanto na forma de apresentação de si. “A própria situação da pesquisa contribuindo, inevitavelmente, para determinar a forma e o conteúdo do discurso recolhido” (BOURDIEU, 2011a, p. 80). Isto quer dizer que partimos de certos questionamentos básicos, os quais são apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e informações recolhidas pelo pesquisador sobre o fenômeno social que interessa (TRIVIÑOS, 1987).

A pesquisa se debruça sobre a transformação biográfica de João², alguém que aos 14 anos de idade já fazia uso de drogas ilícitas, e, na mesma época, enxergou como oportunidade³ começar a participar do tráfico de drogas que até hoje ocorre no bairro onde vive. Todavia, como numa espécie de *linha de fuga* (DELEUZE; GUATTARI, 1996) em sua trajetória, decidiu “sair daquela vida”.

A análise pretendida não envolve apenas aqueles acontecimentos que possuem demarcações sociais bem claras (o casamento, o nascimento do filho, etc.), ou seja, as *‘linhas de segmentariedade dura ou molar’* (DELEUZE; GUATTARI, 1996), mas também as “novas” preocupações, as micropolíticas, os acontecimentos que de forma gradual e imperceptível, como pequenos acúmulos que vão se somando, desencadeiam uma mudança mais brusca, ou seja, as *‘linhas de segmentariedade maleável ou molecular’* (DELEUZE; GUATTARI, 1996), que não são apenas interiores ou pessoais, pois interferem diretamente no que ocorre externamente, como consequência de seus novos desejos, resultando em novas práticas sociais.

Em uma história de vida que contém traumas, como a morte dos avós; experiências extremas, como assassinatos e prisões; buscamos nesta pesquisa

² Como forma de preservar a identidade do entrevistado e de todos os citados por ele, utilizar-se-á nomes fictícios em substituição aos verdadeiros ‘nomes próprios’.

³ Oportunidade, como a entendemos, é a circunstância social que encontra congruência com as preocupações, anseios e possibilidades da agência humana.

analisar o afastamento de João da “vida do crime”, como um projeto agencial possivelmente resultante de processos reflexivos internos; afastamento este que não é a regra, muito pelo contrário, ao menos no estado do Espírito Santo.

De acordo com os dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), o estado do Espírito Santo (ES) é o líder nacional no ranking de reincidência criminal⁴. “Para tal conclusão, entendeu-se a reincidência como o início de uma nova ação penal no sistema de justiça criminal” (CNJ, 2019, p. 57), ou seja, após a devida investigação criminal pelos órgãos competentes (polícia e ministério público). Segundo este órgão, através dos dados coletados entre os anos de 2015 e 2019, o “Espírito Santo seria o estado com maior índice de reincidência, com 75% [...]” (*Ibid*, p. 53). Isto quer dizer que, naquele período, de cada quatro indivíduos com processos registrados no Tribunal de Justiça do ES, três cometeram novos crimes – o número de reincidência criminal pode ser ainda maior levando-se em conta que, em vários casos, determinadas práticas criminosas são desconhecidas, ou ainda, não é possível identificar o autor de um determinado crime, e, “tendo em vista a morosidade que aflige o sistema de justiça criminal nacional, deve-se entender que o percentual alcançado é o mínimo, ou seja, possivelmente o valor seria mais alto, caso fosse ampliado o corte temporal analisado” (CNJ, 2019, p. 53).

Após conhecer os números apresentados pelo CNJ (2019), tornou-se interessante, do ponto de vista sociológico, analisar a transformação biográfica de um indivíduo que, em determinado momento de sua vida, “decidiu” não mais fazer parte destes ‘75%’, uma exceção, e, através da análise de suas experiências, reflexões e narrativas, tentar identificar o que se passou – e o que se passa – em relação às suas maiores preocupações no passado e no presente.

Deste modo, o presente trabalho também tem a pretensão de compreender uma trajetória de “saída do crime”, contribuindo para mostrar as motivações, reflexões, decisões e dificuldades de quem decide não “reincidir” em práticas criminosas.

Considerando que a estrutura social – enquanto influência objetiva que molda as situações confrontadas pelo agente – pouco mudou, partimos da hipótese, com base teórica fundamentada principalmente em Margaret Archer, de que a mudança

⁴ Os estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pará e Sergipe foram desconsiderados na pesquisa. Segundo as informações do CNJ (2019), “Estes estados foram desconsiderados por ausência de dados, uma vez que não houve o preenchimento do SIESP pelos respectivos Tribunais de Justiça” (CNJ, 2019, p. 49). Caso os estados mencionados estivessem incluídos na pesquisa, ainda assim, o estado do Espírito Santo estaria entre os cinco maiores índices de reincidência criminal.

ocorreu internamente no agente, a partir das ‘conversas internas’ delineando ‘novas preocupações’, as quais geram respostas agenciais diferentes de outrora às formas sociais, daí a transformação biográfica.

Como método de coleta de informações utilizamos uma série de entrevistas semiestruturadas com o agente pesquisado, com o intuito de captar todas as perspectivas possíveis e para que o informante tivesse a liberdade e a espontaneidade necessárias para contar a “história de sua vida”, e assim enriquecer a investigação pretendida (TRIVIÑOS, 1987).

Os processos reflexivos narrados pelo agente serão destacados a partir de eventos que possibilitem o enquadramento em categorias analíticas, quais sejam suas “reformulações de metas”, “quebra de rotina diária”, “experiências extremas” e quiçá “traumáticas” (CORRÊA; TALONE, 2021), “preocupações últimas” e práticas sociais (ARCHER, 2016), tomando a ‘Reflexividade’ como ferramenta da teoria social e central para a pesquisa.

Optamos por dividir o trabalho em duas partes principais. Na primeira, apresentamos a fundamentação teórica, a qual é a base para a pesquisa empírica, buscando nos aprofundar nos escritos de Margaret Archer, notadamente no conceito de reflexividade como ‘conversas internas’, como o elo de interação entre estrutura e agência; como o poder pessoal de deliberar sobre o que fazer com/em sua vida.

Na segunda parte, trazemos a pesquisa empírica nos debruçando sobre o pesquisado – trazendo relatos e confissões sobre o ‘estigma’, no sentido sociológico de Goffman (2004) – e a transformação biográfica, utilizando a fundamentação teórica apresentada na primeira parte.

A partir da problematização sobre a possibilidade de se compreender uma transformação biográfica com base na reflexividade e projeto agencial, desenvolvemos o presente trabalho.

2 REFLEXIVIDADE E PROJETO AGENCIAL

O conceito de reflexividade tem ganhado mais espaço, visibilidade e relevância nas produções sociológicas, sobretudo nas últimas décadas (CAETANO, 2011; 2013). No tempo histórico atual, nas sociedades modernas (BECK, GIDDENS & LASH, 2000), enfrentamos uma multiplicidade de possibilidades em vários aspectos da vida cotidiana, e, como afirma Giddens (2000, p. 94), “[...] não temos outra escolha senão decidir como ser e como agir”. Sendo assim, a importância das deliberações reflexivas torna-se evidente nos processos de escolhas individuais, sobre o que fazer – ou não – com/em nossas vidas.

Como delimitação teórica acerca do conceito de reflexividade, optamos por utilizar a análise sociológica de processos reflexivos ao nível individual desenvolvido por Margaret Archer, “uma das teóricas mais sistemáticas da Europa” (VANDENBERGHE, 2016, p. 105). Como aponta Caetano (2013. p.1), “Archer tem o grande mérito de problematizar a reflexividade com base na noção de **conversas internas**, tratando-a enquanto conceito sociológico susceptível de observação e análise”. Após refletir e optar por esta abordagem, abrimos mão de outras abordagens possíveis⁵.

As conversas internas, na proposta de Archer, são as deliberações reflexivas internas dos agentes sociais, é o modo pelo qual subjetivamente cada agente elabora seus pensamentos sobre as suas mais importantes preocupações, e objetivamente elaboram projetos, cursos de ação.

Importante ressaltar que a abordagem de Archer possui algumas lacunas, as quais são evidenciadas em trabalhos sociológicos que não se opõem ou refutam as suas proposições, ao contrário, buscam complementariedade com outros trabalhos que ressaltam a exterioridade incorporada pelo agente sob a forma de disposições – em uma relação direta com Pierre Bourdieu e Bernard Lahire –, como fazem Ana Caetano (2011; 2013) e Frédéric Vandenberghe (2008; 2016). Com o intuito de trazer a este trabalho algumas observações e considerações complementares à abordagem de Archer, discorreremos, em seção específica, sobre ‘a exterioridade das conversas internas’.

⁵ Ver Caetano, 2013; Corrêa & Talone, 2021.

Tomando as conversas internas como ferramenta da teoria social, conforme propõe Archer, nosso intuito é compreender a articulação entre preocupações últimas, projetos e estabelecimento de cursos de ação, de práticas sociais do agente, e, para tanto, analisamos o projeto agencial de transformação biográfica de um ex-trafficante, o qual não é puramente individual e exclusivamente interno, pois é elaborado e formulado dentro de um *campo de possibilidades* (VELHO, 2004).

2.1 Reflexividade (Conversas Internas)

“[...] o processo de ser humano é contínuo porque, ao longo da vida, nós continuamos a desempenhar nosso trabalho reflexivo. A conversação interna nunca é suspensa, raramente dorme, e continuamente monitora suas preocupações ao longo das infindáveis circunstâncias contingentes que encontra” (ARCHER, 2000, p.73).

Como mencionado anteriormente, decidimos utilizar a análise sociológica da reflexividade desenvolvida por Margaret Archer, a qual discordando de individualistas, culturalistas e estruturalistas, buscou abrir um caminho particular para analisar o “problema” entre a agência humana e a estrutura social; de como conectar a cultura, a estrutura social e a agência sem “conflação” (*conflation*).

Archer posiciona-se contra os individualistas, os quais segundo ela (ARCHER, 2003), cometem a “conflação ascendente” (*upwards conflation*) ao dissolverem a sociedade como uma repetição de ações individuais, isto é, concebem a estrutura social como um efeito agregado das ações individuais (VANDENBERGHE, 2008), ao passo que o indivíduo é concebido como absolutamente racional e autônomo, dono de si, autossuficiente, naturalmente capaz de fazer as ‘escolhas ótimas’ com o objetivo de maximizar seus ganhos e definir seu próprio destino; o modelo de homem (*homo economicus*) das teorias econômicas, especificamente da microeconomia (neo)liberal (ARCHER, 2000).

Por outro lado, Archer também se opõe a culturalistas e estruturalistas, pois, segundo ela, estes cometem a “conflação descendente” (*downwards conflation*) ao conceberem as ações individuais “como meras emanações de estruturas sociais” (VANDENBERGHE, 2008, p. 3), e assim sendo, o indivíduo se apresenta como um ser passivo, desprovido de poderes pessoais para mudar as coisas. “Neste caso, a

sociedade é a grande guardiã da realidade e, portanto, tudo o que nos tornamos é dado pela sociedade, uma vez que é mediado por ela (ARCHER, 2000, p. 56).

Para Archer há também os estruturacionistas que cometem a “conflação central”, isto é, “veem a agência e a estrutura como dialeticamente implicadas e mutuamente constituídas” (VANDENBERGHE, 2008, p. 3). Ao criticar esta visão dos estruturacionistas, Archer (2016) explica que para estes a agência e a estrutura são:

Em outras palavras, eles seriam dois lados da mesma moeda, cuja investigação também não impõe qualquer divisão metodológica. Este é o caso da “teoria da estruturação” de Giddens e também da proposição central de Bourdieu sobre a homologia entre o “posicional” e o “disposicional”. Critiquei estas abordagens, em outros escritos, como formas de “conflação central” (ARCHER, 2016, p. 73).

Archer defende, “em associação direta com Roy Bhaskar, o ‘pai fundador’ do realismo crítico” (VANDENBERGHE, 2016, p. 105) que agência e estrutura não são dois lados da mesma moeda, porque interagem em ‘diferentes níveis ontológicos’⁶, ambos são reais e existe uma relação entre eles. Para ela, “a vida social existe em um SACO”, diz ela, utilizando o acrônimo SAC (saco) para *Structure* (Estrutura), *Agency* (Agencia) e *Culture* (Cultura)” (*Idem*, p. 106), e para adequadamente analisá-la é necessário distinguir estrutura e agência em tipos diferentes de entidades, porque além de funcionarem em diferentes níveis de complexidade, elas também operam em tempos distintos, não podendo ser reduzidas uma à outra. Quanto a isso, Caetano (2011), afirma que:

Os fundamentos da abordagem de Archer são, num determinado nível, irrefutáveis: é, de fato, necessário conceber analiticamente uma separação entre estrutura e agência para que se possa analisar sua interação. Estrutura e agência operam em diferentes escalas de tempo; o primado ontológico das estruturas concretiza-se no fato de os indivíduos nascerem em enquadramentos estruturais preexistentes. (CAETANO, 2011, 158).

Esta separação analítica entre estrutura e agência (dualismo analítico) permitiu a Archer desenvolver a ‘**abordagem morfogenética**’: um exame de “como os agentes reproduzem (morfostase) ou transformam (morfogênese) estruturas sociais e são eles próprios reproduzidos ou transformados no mesmo processo” (ARCHER, 2016, p. 75); e produziu, “ao mesmo tempo, um programa explicativo (o complemento metodológico

⁶ Ver Peters, 2019.

do realismo crítico) e uma forma de dar conta das trajetórias e dinâmicas das formações sociais” (*idem*, 2011, p. 160).

Cabe aqui ressaltar novamente o que Archer pretende solucionar: como conectar estrutura e agência sem “conflação”?

A abordagem morfogenética é a sistematização desenvolvida por Archer para analisar a interação elaborativa entre estrutura e agência, respeitando a dependência humana por parte da estrutura e também a dependência estrutural que o agente possui para a concepção e realização de ação social (ARCHER, 2016), conforme demonstrado na Figura 1 abaixo.

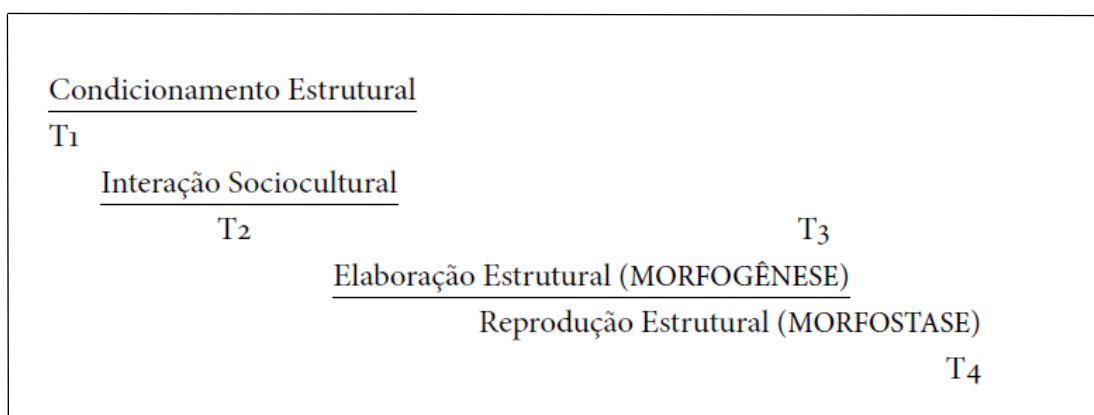


Figura 1. A Sequência Morfogenética Básica (ARCHER, 2016, p. 76).

A questão temporal é de suma importância no entendimento da abordagem de Archer, pois as distintas fases (T1, T2, T3 e T4) tentam responder sobre a estruturação e sobre as mudanças na constituição da agência ao longo do tempo. A autora explica que:

Claramente, o resumo acima está demasiado condensado, mas não estou tentando apresentar nem defender esta abordagem; intento apenas fazer uma única observação a seu respeito: a morfogênese é uma tentativa de contar uma história única, ainda que seja reconhecidamente uma história complexa. Trata-se da história de interação mutuamente elaborativa entre “estrutura” e “agência”, mas também entre “objetividade” e “subjetividade” ao longo do tempo (ARCHER, 2016, p. 76).

A forma estática de apresentação da abordagem morfogênética, como na Figura 1, representa, ao contrário, uma dinâmica de retroalimentação; “ciclos ininterruptos de ‘condicionamento sistêmico’, ‘interação sociocultural’ e ‘elaboração sistêmica’” (VANDENBERGHE, 2016, p. 107).

Vandenberghe (2016), aliás, traz um detalhamento explicativo sobre as distintas fases que compõem os ciclos da sequência morfogenética de Archer. O autor discorre que:

Através de tais ciclos, a configuração do sistema (em T1) condiciona as práticas no mundo da vida (em T2) que procuram reproduzir ou transformar o sistema e levam, eventualmente (em T3), a uma nova elaboração do mesmo, que será contestada e modificada em um segundo ciclo, e assim por diante (VANDENBERGHE, 2016, p. 107).

A pretensão de Archer em contar uma história única de interação entre estrutura e agência, de conectá-las, ainda não estava, todavia, demonstrada no desenvolvimento da abordagem morfogenética, de como fazer a conexão. Ela própria concordou com as críticas recebidas enquanto desenvolvia sua abordagem, ao afirmar: “[...] admito que a crítica era justificada e que mais trabalho precisava ser feito a fim de responder satisfatoriamente à questão do ‘como’” (ARCHER, 2016, p. 77).

Desenvolver uma explicação de *como* os poderes culturais e estruturais se colocam sobre o agente, e *como* os agentes utilizam seus poderes pessoais para “responderem” de uma maneira, em vez de outra em determinadas situações, tornou-se o ponto central nesta fase da elaboração teórica de Archer, afinal, para ela, “existem dois elementos envolvidos: a ‘influência sobre’ (que é objetiva) e a ‘resposta à influência’ (que é subjetiva)” (ARCHER, 2016, p. 82), e, sendo assim, o lado objetivo, “a influência sobre”, molda, de forma voluntária ou involuntária, as situações sociais que os agentes confrontam, apresentando-se como restrições ou capacitações para vários cursos possíveis de ação. Faltava o outro elemento: o subjetivo, “a resposta à influência”.

Considerando, portanto, a influência estrutural objetiva sobre o agente, não é possível omitir o porquê então as pessoas dão respostas variadas às mesmas situações estruturadas. É aí que o poder pessoal subjetivo entra em cena, “um segundo poder causal está *necessariamente em jogo*, qual seja, o poder pessoal de refletir subjetivamente sobre as próprias circunstâncias e decidir o que fazer com elas ou a respeito delas” (ARCHER, 2016, p. 83).

Para Archer, é justamente a reflexividade agencial – a qual conceituou como **conversas internas** - a mediadora entre as circunstâncias estruturais e o que cada agente decide fazer delas. A conversa interna é, portanto, o elo entre estrutura e

agência, entre objetividade estrutural e subjetividade agencial. De maneira mais detalhada, Archer (2016) explica que:

A reflexividade é conceituada como conversação interna (ARCHER, 2003), e passa a ser entendida como o processo que medeia o impacto das formas sociais sobre nós e determina nossas respostas a elas. A conversação interna é apresentada como o elo perdido no entendimento realista da interação entre estrutura e agência (ARCHER, 2016, p. 88).

A tese de Archer está, portanto, alicerçada no conceito de ‘conversas internas’. Nesta perspectiva, processos reflexivos são diálogos pessoais existentes na privacidade da mente (CAETANO, 2013); “exercida por pessoas que mantêm conversas consigo mesmas nas quais esclarecem, organizam e sistematizam suas ‘preocupações últimas’ sob a forma de um projeto pessoal com o qual se comprometem” (VANDENBERGHE, 2016, p. 108); uma capacidade crítica e deliberativa de intensidade variável, desde uma reformulação de metas ou quebra de rotina, até experiências extremas e quiçá traumáticas (CORRÊA; TALONE, 2021), que designam nossa trajetória no mundo, exercendo um certo grau de governança sobre nossas próprias vidas. Neste sentido, Archer (2016) detalha que:

Em resumo, tem-se argumentado que os nossos poderes pessoais são exercidos através de um diálogo interno reflexivo, e que a conversa interna é responsável pelo delineamento de nossas preocupações, pela definição dos nossos projetos e, em última instância, pela determinação de nossas práticas na sociedade (ARCHER, 2016, p. 89).

As conversas internas, ou seja, as deliberações reflexivas, transformam o agente em um “agente ativo”, capaz de deliberar sobre seguir um determinado caminho ao invés de outros possíveis. Segundo Archer, “é a reflexividade agencial que medeia ativamente entre as nossas circunstâncias estruturalmente moldadas e o que deliberadamente decidimos fazer delas (ARCHER, 2016, p. 89).

Esta perspectiva fica mais evidente quando verificamos mais detalhadamente as afirmações de Archer quanto a isso, tal qual:

Isso implica reconhecer seus poderes pessoais – em particular, seu poder de reflexividade para pensarem sobre si mesmos em relação à sociedade e chegarem a conclusões diferentes que levam a resultados de ação variáveis. Em suma, sem conhecimento de suas próprias deliberações internas, não conseguimos dar conta do que os agentes fazem exatamente (ARCHER, 2016, p. 85).

Ainda neste mesmo sentido a autora expõe que:

O que a conversação interna faz é mediar esta tomada de decisão ativando poderes estruturais e culturais e, ao fazer isso, não há resultado único e previsível. Isto porque os agentes podem exercer os seus poderes reflexivos de formas diferentes, de acordo com preocupações e considerações muito diferentes (ARCHER, 2016, p. 90).

Na segunda parte do livro *Structure, Agency and the Internal Conversation* (2003), Archer traz estudos empíricos baseados em entrevistas realizadas com pessoas de diversas situações de vida. A noção de conversas internas foi apresentada aos entrevistados – não refutada por eles –, e foram ainda perguntados sobre suas atividades mentais, preocupações correntes e projetos de vida (VANDENBERGHE, 2008). Ela identificou que as pessoas praticam diferentes modos de reflexividade, os quais possuem relação direta com os comportamentos dos sujeitos pesquisados, classificando-os em quatro modalidades: reflexivos comunicativos, reflexivos autônomos, metareflexivos e reflexivos fraturados.

Em relação à pesquisa de Archer, Vandenberghe (2008), cita que:

A principal descoberta da pesquisa, não prevista pela teoria, foi a de que as pessoas praticam diferentes modos de reflexividade, os quais estão sistematicamente relacionados a “posturas” que elas adotam em relação à sociedade, mediando o exercício de influências socioculturais restritivas e capacitadoras de modos bastante distintivos (VANDENBERGHE, 2008, p. 12).

‘Reflexivos comunicativos’ pensam e falam, exteriorizam as conversas internas por meio das relações com outras pessoas. Suas principais preocupações são a família e os amigos; desconfiam de suas conversas solitárias e dirigem-se a outras pessoas para resolver suas questões através dos diálogos intrapessoais (VANDENBERGHE, 2008; 2016).

‘Reflexivos autônomos’ pensam e agem, seus pensamentos são solitários e orientados principalmente para objetivos. A principal preocupação parece estar no trabalho, subordinando suas relações sociais a este; parecem que articularam seus projetos de vida desde muito cedo, ultrapassando os limites do seu ambiente social (*op. cit.*).

‘Metareflexivos’ pensam e pensam, refletem sobre suas próprias reflexões. Parecem, de fato, preocupados com suas preocupações últimas – as quais podem não estar satisfatoriamente ajustadas e harmonizadas entre si – principalmente em relação ao seu próprio *self*; são críticos em relação ao seu ambiente, buscando em contínuo movimento um novo *self* (VANDENBERGHE, 2008).

‘Reflexivos fraturados’ estão permanentemente em algum tipo de crise, seus pensamentos são perdidos, suas narrativas desconectadas, eles são deprimidos, alienados. Quanto mais pensam mais desorganizam a vida, que parece estar em incessante crise; seus poderes reflexivos estão, mesmo que temporariamente, suspensos (VANDENBERGHE, 2008; 2016).

De todo modo, as conversas internas, ou seja, o escrutínio da deliberação reflexiva, diferencia-nos enquanto agentes humanos. Cada qual, na privacidade da mente, ao deparar-se com as diversas circunstâncias do cotidiano, elabora respostas variadas visando adequar o curso de ação àquilo que realmente importa, com o que realmente preocupa; com as ‘preocupações últimas’. Sobre isso, Corrêa e Talone (2021) sintetizam bem aquilo que Archer defende, ao apontarem que:

Desta forma, Archer entende a deliberação reflexiva como o meio para definir e distinguir-nos como agentes humanos. Na vida cotidiana, por sermos seres reflexivos e autointerpretativos, questionamos permanentemente nossas vidas e nos perguntamos como aproximar nosso curso de ação do que consideramos essencial para nossas vidas⁷ (CORRÊA; TALONE, 2021, p. 414. Tradução nossa).

Mais do que levar a resultados de ação variáveis, ou ainda, ser um modo de diferenciação entre os agentes humanos, as deliberações reflexivas de cada agente, as conversas internas, diferenciam também a agência humana das demais. Taylor (1985) ao desenvolver uma resposta para ‘O que é a agência humana?’ (*What is the human agency?*)⁸ já discorria sobre os seres humanos não estarem sozinhos em ter desejos, motivos e fazer escolhas. No entanto, o que nos diferencia de outros animais é a capacidade de autoavaliação reflexiva; “[...] é o poder avaliativo de considerar alguns desejos como desejáveis e outros como indesejáveis”⁹ (TAYLOR, 1985, p. 16. Tradução nossa).

Os processos reflexivos são subjetivamente exercidos em níveis variáveis de intensidade em cada agente, sobre aquilo com o que ele mais se importa, e isso

⁷ No original: “Thus, Archer understands reflexive deliberation as the means to define and distinguish ourselves as human agents. In everyday life, because we are reflexive and self-interpreting beings, we permanently question our lives and ask ourselves how to bring our course of action closer to what we consider essential to our lives”.

⁸ ‘*What is the human agency?*’ é o primeiro capítulo do livro ‘Human agency and language: Philosophical Papers I’. 1985. Cambridge University Press.

⁹ No original: “But what is distinctively human is the power to evaluate our desires, to regard some as desirable and others as undesirable”.

“depende do fato de que os indivíduos desenvolvem e definem suas preocupações últimas: os bens internos com os quais eles mais se importam” (ARCHER, 2016, p. 88).

No entendimento de Archer, “quem somos é uma questão daquilo com o que mais nos importamos. Isto é o que nos torna seres morais. É apenas à luz de nossas ‘preocupações últimas’ que nossas ações são ultimamente inteligíveis” (ARCHER, 2000, p. 53). As preocupações últimas são, portanto, o ponto de partida na sistematização de Archer.

Todos nós temos preocupações que podem ser organizadas em três ordens, a saber: i) bem-estar físico; ii) competência performativa; iii) autoestima (ARCHER, 2003 *apud* VANDENBERGHE 2008; CORRÊA & TALONE, 2021). É através de conversas internas que buscamos a “boa vida”, distribuindo estas três ordens de preocupações, “consolidando nosso modo de ser”¹⁰ (CORRÊA; TALONE, 2021, p. 414. Tradução nossa); desenvolvendo nossos cursos de ação (projetos) e estabelecendo práticas sociais. “Estes componentes podem ser apresentados resumidamente através da fórmula <Preocupações → Projetos → Práticas> que todos os indivíduos tentam fazer funcionar” (ARCHER, 2016, p. 89), conforme demonstrado na Figura¹¹ 2 abaixo.

<i>A Conversação Interna e a busca da Boa Vida</i>		
Definindo e articulando as próprias PREOCUPAÇÕES ►►► (Bens internos)	Desenvolvendo cursos de ação concretos ou PROJETOS ►►► (Micropolíticas)	Estabelecendo sustentáveis e satisfatórias PRÁTICAS (Modus vivendi)

Figura 2. Resumo da sistematização ‘Preocupações – Projetos – Práticas’.

Archer defende, portanto, a relação direta sobre o que mais refletimos com aquilo que mais nos preocupa, afetando não somente nossa forma de agir, mas também sobre quem somos.

¹⁰ No original: “*consolidating our way of being*”.

¹¹ Archer (2016, p. 89).

De maneira objetiva, as propriedades estruturais e culturais moldam as situações confrontadas pelos agentes, podendo gerar oportunidades ou obstáculos. Subjetivamente, as conversas internas ativam poderes estruturais e culturais dos agentes, os quais exercem seus poderes reflexivos, cada um a seu modo, de acordo com suas considerações e preocupações, moldando o curso de ação de suas vidas.

Na obra *'Making our way through the world: human reflexivity and social mobility'* (2007), Archer procura apresentar, entre outras coisas, agentes em situações sociais similares, no entanto, com padrões de mobilidade social distintos, a depender das preocupações pessoais e cursos de ação reflexivamente definidos por cada um deles.

Considerando que Archer possui o mérito de elevar o escrutínio das deliberações reflexivas do agente – as conversas internas – como elemento de diferenciação das respostas da agência humana às estruturas sociais, optamos por trilhar o mesmo caminho, no entanto, analisando uma única vida e as respostas diferentes de outrora às situações confrontadas.

Ao realizar uma análise sociológica a partir de uma única vida significa que estamos reduzindo a escala de análise: ao invés de classes ou grupos, por exemplo, uma única vida em particular é o foco da investigação, sem, no entanto, reduzi-la a um 'estudo de caso', a uma simplificação de regras gerais da realidade de uma coletividade.

Uma sociologia em escala individual, ao contrário, significa conceber o indivíduo como um ser complexo, seja pela multiplicidade de experiências socializadoras – e, portanto, todo o patrimônio incorporado por ele, externalizado (ou não) nos múltiplos contextos de ação (LAHIRE, 2002) – seja pelo modo singular que cada agente reflexivamente ativa poderes estruturais e culturais, não havendo, portanto, “resultado único e previsível” (ARCHER, 2016, p. 90).

Por outro lado, como limitação desta abordagem, fica evidente a impossibilidade de se fazer generalizações, ou ainda, estabelecer resultados e conclusões “fechadas” sobre o porquê dos agentes escolherem, agirem e viverem de uma maneira ao invés de outras possíveis. Sendo assim, as possíveis respostas ao problema de pesquisa podem fazer referência a um problema específico (*ad hoc*), caso contrário estaríamos propondo, a partir de método indutivo, uma espécie de teoria geral das subjetividades humanas e suas relações com o “mundo exterior”. As

dificuldades desta abordagem estão justamente em captar, interpretar e analisar o que ocorre internamente no indivíduo, sejam as disposições ou as deliberações reflexivas, uma vez que ambas só podem ser feitas pelo observador (levando-se em conta a arbitrariedade) *post factum* (NOGUEIRA, 2016), a partir dos comportamentos, discursos e práticas sociais observadas externamente.

2.2 A Exterioridade das Conversas Internas

Nesta seção, optamos por trazer algumas considerações acerca da noção de reflexividade enquanto conversa estritamente interna. Pretendemos abarcar abordagens complementares que incorporam a dimensão externa; a exterioridade internalizada no agente sob a forma de disposições – a partir das contribuições da noção de *habitus* de Pierre Bourdieu e da ampliação desta em Bernard Lahire – como propõem Ana Caetano (2011; 2013) e Frédéric Vandenberghe (2016).

Importante mencionar também a complementariedade possível com outros autores, e aqui cito a exterioridade que se apresenta como repressora de instintos e que pode voltar-se contra o agente de maneira destrutiva e impiedosa, como analisa Freud ([1930] 2010); a exterioridade incerta e incontrolável na qual as estruturas se alteram em ritmo acelerado, gerando incertezas, insegurança e crises de identidade, como analisa Bauman (1998); ou ainda na exterioridade onde se apresentam os discursos – até os inconscientes, como falhas do discurso concreto –, sendo estes maneiras de se ordenar a realidade, as práticas sociais, as políticas, os modos de gozo, os laços sociais baseados na intersubjetividade, como aponta Lacan (1992). De todo modo, em sentido amplo, a exterioridade que influencia diretamente vários aspectos da vida dos agentes, capazes de interferir nos processos reflexivos e práticas em sociedade; na constituição do *eu* como efeito da captação da imagem de si no espelho; ou ainda geradora de sintomas – como o ‘mal-estar’ – sobre os quais se debruça também a psicanálise.

Tais abordagens são aqui apresentadas (*en passant*) como possíveis caminhos complementares para a análise da influência da exterioridade estrutural objetiva sobre os agentes, sobre as preocupações, conversas internas, projetos e cursos de ação. Não nos debruçaremos, neste momento, sobre estas perspectivas para não correremos o risco de “fugir” da proposta e objetivos do presente trabalho, fundamentado principalmente em Margaret Archer.

Sendo assim, anteriormente apresentamos que a abordagem morfogenética de Archer posiciona a estrutura social (T1) como precedente da interação sociocultural (T2), exercendo influência sobre os agentes, moldando as situações sociais que estes confrontam de maneira voluntária e involuntária (ARCHER, 2016); são, portanto, condicionantes que influenciam objetivamente, podendo limitar ou capacitar os cursos de ação das pessoas; e que a conversa interna é o poder pessoal, cada agente a sua maneira, de deliberar reflexivamente sobre como agir.

A abordagem de Archer parece, em certo sentido, ser excessivamente interna (VANDENBERGHE, 2008) ao secundarizar o peso da influência objetiva estrutural na explicação da ação (CAETANO, 2013), centrando a análise apenas no lado subjetivo. Entretanto, Archer reconhece e inclui-se no grupo de teóricos do realismo que já enfatizaram de modo satisfatório o lado objetivo em detrimento do lado subjetivo, passando então a centrar a abordagem neste último, na relação de interação entre esses dois elementos. Sobre isso, Archer (2016) esclarece que:

Realistas, entre os quais me incluo, tem se concentrado sobre o primeiro elemento, negligenciando o segundo. Devido a essa unilateralidade, admite-se prontamente que o realismo tem sido muito mais eficaz na especificação de *como* o objetivo afeta o subjetivo do que vice-versa. De maneira geral, penso que o realismo social conceituou satisfatoriamente o lado objetivo, em termos de propriedades culturais e estruturais emergentes que incidem sobre as pessoas ao moldar as situações sociais que elas confrontam (ARCHER, 2016, p. 82).

No entanto, ao defender que as estruturas moldam as situações sociais confrontadas pelo agente, parece haver uma negligência em relação ao que os agentes apreendem destas situações; o que neles está internalizado por conta das relações com a exterioridade, como, por exemplo, as relações interpessoais e o ambiente social que podem influenciar nas preferências, gostos e escolhas; a influência das múltiplas experiências socializadoras que impactam as deliberações reflexivas; as vivências testemunhadas e gravadas na mente e que podem ser ativadas em outras situações confrontadas posteriormente; eventos extremos e/ou traumáticos vividos ou conhecidos através de relacionamentos interpessoais, os quais podem afetar a maneira de pensar e agir em determinadas situações.

É neste sentido que Caetano (2013) propõe uma tríade para a fundamentação teórica sobre a reflexividade agencial, acrescentando à teoria desenvolvida por Archer as contribuições de Pierre Bourdieu e, principalmente, Bernard Lahire, notadamente

por estes darem ênfase também à exterioridade que está presente na interioridade do agente, nos processos reflexivos, nas conversas internas.

É na noção de *habitus* de Bourdieu “que encontramos a mais completa renovação sociológica do conceito” (WACQUANT, 2007, p. 65), sobre o modo como a sociedade encontra-se depositada nas pessoas sob forma de *disposições*¹², as quais são capacitantes e atuantes como propensões estruturadas para sentir, pensar e agir no meio social existente (WACQUANT, 2007). “O *habitus* é uma noção *mediadora* que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade ao captar ‘a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade’” (*idem*, p. 65).

O *habitus* internaliza todas as experiências passadas, como um sistema que permite ao agente, de forma estratégica, enfrentar as situações que se apresentam antecipando suas consequências – baseando-se nas práticas anteriores – de modo que tendem a reproduzir as estruturas objetivas, como uma ‘aptidão social’ “no interior e entre indivíduos de mesma classe” (WACQUANT, 2007, p. 67), funcionando “a cada momento como uma *matriz de percepções, de apreciações e de ações*” (BOURDIEU, 2002, p. 167).

Importante ressaltar que a noção de *habitus* de Bourdieu está mais relacionada com a ‘morfostase estrutural’ em um estudo sobre classes, ou seja, com a reprodução das estruturas objetivas em sociedades menos complexas, e não com “a possibilidade de uma morfogênese dupla do *self* e da sociedade” (VANDENBERGHE, 2016, p. 108) na modernidade tardia, como propõe Archer (2016).

No entanto, não podemos deixar de considerar o conceito de *habitus*, principalmente por constatar, através da pesquisa empírica, a influência das estruturas sociais e culturais – o “sistema de disposições duradouras” (BOURDIEU, 2002, p. 167) internalizado no agente, “que pode ser decomposta numa dimensão praxiológica (sentido de orientação social) e numa dimensão afetiva (aspirações, gostos etc.)” (PINTO, 2000, p. 39), o qual imprime sua marca moldando suas preferências (CORRÊA; TALONE, 2021), como no livro de Bourdieu ‘*A Distinção*’ (2011b).

¹² “O termo ‘disposição’ parece particularmente ajustado para exprimir aquilo que o conceito de *habitus* recobre (definido como sistemas de disposições): com efeito, exprime, em primeiro lugar, o resultado de uma ação organizadora apresentando então um sentido muito próximo de termos como o de estrutura; designa, por outro lado, uma maneira de ser, um estado habitual (em especial do corpo) e, em particular, uma predisposição, uma tendência, uma propensão ou uma inclinação” (BOURDIEU, 2002, p.163).

Como exemplo desta dimensão afetiva, podemos citar o pesquisado e seu gosto pela pesca, descrita por ele, em outras palavras, como uma influência direta do meio social existente na época de criança, quando morava com os avós; podemos citar também, na dimensão praxiológica, as relações com as novas amizades, as utilizações de drogas ilícitas e a “entrada para o mundo do crime”, as quais, segundo o pesquisado, ocorreram após a morte dos avós e a consequente mudança para a casa dos pais, onde, mesmo nos dias atuais, o ambiente social possui grande atividade ligada ao tráfico de drogas; soma-se ainda, a estrutura familiar na qual o pesquisado foi reinserido, distinta, em vários aspectos, da estrutura familiar dos avós, as quais serviram como gramáticas gerativas de novas práticas conformes com as estruturas objetivas de que ele passou a ser produto (PINTO, 2000). Nos debruçaremos mais detalhadamente sobre esta temática no próximo capítulo.

Neste sentido, ao expor a noção de *habitus* em Bourdieu, principalmente em relação a interiorização da exterioridade, nos propomos a considerá-la como complementar às ‘conversas internas’ de Archer, servindo também como fundamentação teórica para análise empírica das subjetividades socializadas do sujeito de pesquisa, como propõem Ana Caetano (2011; 2013) e Frédéric Vandenberghe (2016).

De mesmo modo, e para formar a tríade conceitual acerca da reflexividade agencial como propõe Caetano (2013), consideramos também a posição teórica de Bernard Lahire, “o mais aguerrido dos críticos de Bourdieu e o mais fiel de seus discípulos” (VANDENBERGHE, 2016, p. 96), como fundamentação para a análise empírica deste trabalho. Tal qual Archer, Lahire trabalha com a unidade de análise de *uma vida*; assim como ela, ele se lança na missão de compreender sociologicamente biografias individuais, “ambos buscam entender como e por que os atores tomam as decisões que tomam e vivem a vida que vivem” (*Idem*).

Alterando o foco e a escala, Lahire se difere de Bourdieu ao destacar a composição heterogênea do patrimônio disposicional internalizado nos atores, bem como a diversidade de contextos por onde estes se movem, coexistindo, portanto, disposições múltiplas de diferentes formas de socialização (família, escola, trabalho, etc.), as quais são ativadas contextualmente diante do vasto conjunto de possibilidades de interação nas dinâmicas sociais. Ao invés de singularidade,

pluralismo; ao invés de classes, o indivíduo. Sobre isso, Vandenberghe (2016) esclarece que:

No nível do indivíduo, não mais observamos a coerência e a homogeneidade do *habitus* que Bourdieu atribuiu às disposições individuais no nível da classe. Em vez disso, começa-se a observar o indivíduo como um ser complexo, estratificado e mais ou menos unificado, dotado de uma pluralidade de hábitos, disposições, esquemas, competências, apetências e capacidades heterogêneas que resultam de múltiplas socializações (pela família, por vizinhos, professores, amigos etc.) e podem operar conjuntamente ou entrar em conflito (VANDENBERGHE, 2016, p. 100).

Considerando, portanto, o indivíduo como um ser complexo, as múltiplas socializações e a pluralidade de contextos, nos propomos a articular a análise do sujeito de pesquisa não apenas com as conversas internas problematizadas por Archer, no entanto, complementar esta abordagem, no que couber, com a exterioridade internalizada sob a forma disposições, o *habitus*, ou melhor, a multiplicidade de *habitus* de um “ator plural”¹³ (LAHIRE, 2002).

2.3 Projeto Agencial e Campo de Possibilidades

“Ninguém pode ter uma preocupação ou anseio último sem fazer alguma coisa a respeito. Cada pessoa procura desenvolver um curso de ação baseada na crença (falível) de que realizar tal projeto é realizar o anseio mesmo” (ARCHER, 2016, p. 89).

É através das conversas internas que os agentes deliberam e esclarecem as suas ideias, tomam suas decisões e definem seus projetos baseados nas suas preocupações últimas (ARCHER, 2016; CAETANO, 2013). É neste sentido que, ao ilustrar as conversas internas e a busca pela ‘boa vida’ por parte dos agentes, Archer

¹³ “Porque não nos ocupamos, nos contextos sociais em questão, com posições idênticas ou semelhantes (podemos ser ou ter sido diversamente ‘filho ou filha’, ‘aluno ou aluna’, ‘colega de escola’, ‘pai ou mãe’, ‘amante’, ‘goleiro/a’, ‘membro de uma associação’, ‘fiel de uma igreja’, ‘colega de trabalho’, trabalhador/a, *and so on*), vivemos experiências variadas, diferentes e, às vezes, contraditórias. Um ator plural é, portanto, o produto da experiência – amiúde precoce – de socialização em contextos sociais múltiplos e heterogêneos. No curso de sua trajetória ou simultaneamente no curso de um mesmo período de tempo, participou de universos sociais variados, ocupando aí posições diferentes” (LAHIRE, 2002, p. 36).

(2016) propõe, resumidamente, a fórmula ‘<Preocupações → Projetos → Práticas>’, conforme apresentamos anteriormente na Figura 2.

A partir da fórmula de Archer, é possível depreender que os projetos precedem a prática social. “A noção de que os indivíduos escolhem ou podem escolher é a base, o ponto de partida para se pensar em *projeto*” (VELHO, 2004, p. 24), e este pode ser entendido como “conduta organizada para atingir finalidades específicas” (SCHUTZ, 1979 *apud* VELHO, 1994, p. 40).

No entanto, o projeto agencial não deve ser entendido como exclusivamente individual, ou ainda, exclusivamente interno, pois, se assim o fosse, estaríamos concordando com os individualistas, os quais concebem o ‘Homem da modernidade’ como absolutamente autônomo e autossuficiente, um modelo defeituoso de ser humano (ARCHER, 2000). Segundo Archer (*idem*) “‘O Homem da Modernidade’ é pré-formado, e sua formação, isto é, a emergência de suas propriedades e poderes, não depende de suas experiências do mundo” (ARCHER, 2000, p.55). Sobre isso, aliás, Archer cita que:

O Homem da Modernidade também se situa fora da história, como um indivíduo solitário cujas relações com outros seres e com outras coisas não são, de forma alguma, constitutivas do seu self, mas meros acréscimos contingentes, separáveis de sua essência. Assim, o self moderno é universalmente pré-dado (ARCHER, 2000, p. 53).

De maneira distinta aos individualistas, é necessário conceber que um projeto, por mais solitário e particular que seja, é elaborado em contextos de interação, não existindo, portanto, um projeto individual “puro” sem referência ao outro e ao social. Os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas” (VELHO, 2004, p. 26). Nos espaços de interação os objetivos e projetos individuais “se deparam” com objetivos e projetos de outras pessoas, os quais interferem nos projetos pessoais de cada agente. “Neste sentido, tanto a definição de projetos individuais, como a sua implementação incorporam este componente relacional” (CAETANO, 2013, p. 39). Há que se relativizar, portanto, a noção de projeto individual, e é neste sentido que Velho (2004) esclarece que:

“[...] não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um *campo de possibilidades*, circunscrito historicamente e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes” (VELHO, 2004, p. 27).

A noção de projeto agencial, portanto, pode dar conta da margem relativa de escolha individual, sendo esta limitada ao *campo de possibilidades* (VELHO, 2004), que pode ser entendido como a gama de alternativas que se apresentam ao indivíduo em determinado momento histórico de uma sociedade; é a “dimensão sociocultural, espaço para a formulação e implementação de *projetos*” (VELHO, 1994, p. 40).

As preocupações dos agentes, as ideias, projetos, práticas e condutas estão localizadas no tempo e no espaço. Em qualquer cultura sob análise, o conjunto de preocupações e problemas centrais segue um repertório limitado – ou *scripts*¹⁴ (BERGER, 2001) – e precisa fazer sentido na interação com os contemporâneos (VELHO, 2004),

Como hipótese teórica, portanto, entendemos a transformação biográfica, enquanto projeto individual (tornar-se; *devir*; e os “poderes pessoais” para tanto), como possibilidades em assumir e desempenhar novos papéis, influenciado por múltiplas disposições (LAHIRE, 2002), todavia, dentro de *scripts* proporcionados pela sociedade (BERGER, 2001), limitado, portanto, ao *campo de possibilidades* (VELHO, 2004), através dos processos reflexivos, das conversas internas (ARCHER, 2016).

Vale ressaltar, no entanto, que não pretendemos estabelecer nenhum tipo de determinismo, pois, a análise está relacionada a uma vida específica, a partir de elementos que mais interessam à pesquisa, articulada com o arcabouço teórico que entendemos nos direcionar cientificamente para uma finalidade predeterminada. Tal qual discorre Velho (2004), ao expor que:

Por mais que seja possível explicar sociologicamente as variáveis que se articulam e atuam sobre biografias específicas, há sempre algo irreduzível, não devido necessariamente a uma essência individual, mas sim a uma combinação única de fatores psicológicos sociais, históricos, impossível de ser repetida *ipsis litteris* (VELHO, 2004, p. 28).

Pretendemos, ao desenvolver esta seção, afastar a hipótese de se considerar o agente, suas preocupações e projetos desconectados do tempo histórico e do espaço de interação social, e, sendo assim, acatamos a “sugestão” de Velho (1994), quando este menciona que “as noções de *projeto* e *campo de possibilidades* podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-

¹⁴ “[...] podemos dizer que a sociedade proporciona o *script* para todos os personagens. Por conseguinte, tudo quanto os atores têm a fazer é assumir os papéis que lhes foram distribuídos antes de levantar o pano” (BERGER, 2001, p. 108). “Um papel, portanto, pode ser definido como uma resposta tipificada a uma expectativa tipificada” (*idem*).

histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades”
(VELHO, 1994, p. 40)

3 A PESQUISA, O PESQUISADO E A TRANSFORMAÇÃO BIOGRÁFICA

Neste capítulo, iniciaremos a segunda da parte deste trabalho nos debruçando sobre a pesquisa empírica. Discorreremos sobre a trajetória da pesquisa, o interesse inicial, os objetivos, os problemas e dificuldades encontradas, a alteração do sujeito de pesquisa e os motivos que nos levaram a interessar pela biografia de João.

Em seguida, apresentaremos ‘o pesquisado’ a partir, principalmente, da análise, interpretação, percepções e confissões deste pesquisador. A apresentação terá como “ponto de partida” a época que nos conhecemos, com destaque para o ‘estigma’, no sentido sociológico de Goffman (2004).

Finalizaremos o capítulo apresentando o que aqui chamamos de ‘transformação biográfica’, a partir das informações e dados obtidos diretamente com o pesquisado, através da metodologia de pesquisa aplicada, qual seja a de entrevistas semiestruturadas, articulando com o arcabouço teórico apresentado anteriormente.

3.1 A Pesquisa

Muito antes de iniciar os estudos no mestrado já me interessava pelas histórias de vida de algumas pessoas que, de um modo ou de outro, “cruzaram meu caminho” e possibilitaram estabelecer algum tipo de relacionamento ao longo de meu percurso neste mundo, especialmente quando era possível observar aspectos que se relacionassem com ascensão social, com a superação de certas circunstâncias limitadoras.

Provavelmente influenciado por questões familiares – por crescer ouvindo o quanto meus avós, pai e tios eram pobres e como, por meio principalmente de uma educação rígida, estes últimos conseguiram ascender econômica e socialmente –, há muito gostava de me aprofundar sobre esta temática quando conversava com alguém que relatasse algo parecido.

Quando escolhi, ainda adolescente, prestar vestibular, não tive dúvidas sobre o que queria estudar: meu objetivo era ser economista, compreender alguns problemas de ordem econômica e propor soluções. Muito embora, quando criança, sempre falava com meu pai: “Se eu não for jogador de futebol, vou ser engenheiro!”

Muitas das vezes quando me deparava com informações sobre inflação, desemprego, má distribuição de renda, baixos salários, violência, racismo estrutural,

índices de analfabetismo, desigualdades regionais, enfim, problemas socioeconômicos que possuem uma escala de análise mais ampliada, “me pegava” refletindo sobre o impacto na vida das pessoas, principalmente os mais pobres nas regiões periféricas.

Por mais que eu fosse reduzindo a escala de análise, as teorias econômicas só me permitam chegar no nível das empresas, famílias, governo, consumidores, e quando finalmente chegava no nível do indivíduo, este se apresentava como absolutamente racional e maximizador de lucro; o bem-estar mensurado pela ótima alocação de recursos e equilíbrio de mercado (Eficiência ou Ótimo de Pareto); as escolhas e decisões individuais baseadas em cálculos matemáticos estratégicos na interação com o outro (Teoria dos Jogos ou Equilíbrio de Nash, por exemplo); a análise da influência de um fator sobre o outro, mantendo-se todo o resto constante (Ceteris/Coeteris Paribus). E aqui, vale destacar, não é nenhuma crítica ou desilusão com as teorias econômicas, apenas me incomodava por não conseguir aplicá-las nas histórias de vida que me interessavam, dentre elas, de pessoas que viviam em situações sociais similares e seguiram caminhos distintos em relação à mobilidade social. Hoje, compreendo que foi o que Archer (2007) tentou explicar na obra *‘Making our way through the world: human reflexivity and social mobility’*.

Ao decidir realizar pesquisa no nível acadêmico do mestrado, mais uma vez não tive dúvidas. Influenciado pelo incômodo mencionado, realizei a proposta de pesquisa partindo do seguinte problema: Como as instituições sociais exercem influência sobre o indivíduo, nos processos de mudança de vida e ascensão social? Ainda assim, após discussão com o orientador, foi possível concluir que não estaria analisando o indivíduo e suas subjetividades, ao contrário, estaria analisando, em sentido amplo, instituições sociais. Realizando os ajustes necessários, o enfoque se voltou, de fato, para trajetórias de vida, para biografias.

Inicialmente, como pesquisa de campo, a pretensão era analisar a trajetória de vida de dois indivíduos que ascenderam socialmente, apesar das barreiras estruturais e desafios encontrados por eles nas periferias onde nasceram e cresceram – Belford Roxo na Baixada Fluminense no estado do Rio de Janeiro e Morro da Fonte Grande, em Vitória, Espírito Santo –, com a intenção de destacar “aspectos semelhantes” em suas trajetórias, principalmente a respeito de suas maiores influências e acontecimentos “marcantes”, os quais impactaram diretamente em seus processos reflexivos e em suas respostas às estruturas sociais. Ambos negros, atualmente com

mais de cinquenta anos de idade, enquadrados naquilo que comumente se chama de “bem-sucedidos”, contariam suas ‘histórias de vida’ a partir dos questionamentos realizados por este pesquisador.

A escolha destes indivíduos, enquanto sujeitos de pesquisa, se mostrou problemática após algumas entrevistas realizadas, por dois motivos principais: Como identificar a reflexividade, ou ainda, compreender os processos reflexivos, as subjetividades, através da ascensão social, quando esta já está consumada há algumas décadas e, portanto, não é um processo “em andamento”? Como escapar daquilo que Bourdieu (2011a) intitulou de ‘A Ilusão Biográfica’? Seja por parte do pesquisado, “como um esforço de ‘produção de si’, isto é, a apresentação pública de uma representação privada, com censuras específicas e manipulações” (BOURDIEU, 2011a, p. 81); seja por parte do pesquisador, que “leva à noção de trajetória como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes” (*Ibid*, p. 81).

Como forma de superar os problemas apresentados, o enfoque da pesquisa mudou para uma segunda versão: não mais trajetórias de indivíduos que ascenderam socialmente, ou seja, algo consumado; tampouco indivíduos com considerável “distância objetiva entre entrevistado e entrevistador” (BOURDIEU, 2011a, p. 81), agora, o sujeito de pesquisa, uma única vida, passou a ser alguém que convive há uma década com este pesquisador – mitigando assim o problema da distância objetiva entre entrevistado e entrevistador; e também reduzindo, relativamente, possíveis manipulações por parte do pesquisado, como apontado por Bourdieu (*Idem*)

Por outro lado, a proximidade resultante da convivência entre entrevistado e entrevistador também pode ser problemática, porque se abre uma possibilidade de desfiguração dos fatos narrados, devido, principalmente, aos conceitos e definições já estabelecidos pelo convívio mútuo. A metodologia de pesquisa utilizada foi escolhida considerando a importância de se aplacar esta questão, buscando captar e analisar os acontecimentos que de alguma forma influenciaram os processos reflexivos de um ex-trafficante que procurou se distanciar da criminalidade através de novas práticas sociais.

Interessante destacar que o prefixo ‘ex’ não denota apenas um passado, mas também um presente e um futuro, ou seja, um processo “em andamento” que de modo

algum parece estar consumado. De maneira semelhante à pesquisa de campo realizada por Corrêa (2020), onde o autor ressalta que:

“No caso dessa segunda versão, as coisas se passam como se o ex fosse um estado potencial que, a qualquer momento, pode emergir novamente [...] o ex é tanto a marcação de um pretérito como de um presente (como já destacamos), e também da presença de um futuro potencial que pode se desvelar a qualquer momento (CORRÊA, 2020, p. 179).

A pesquisa, portanto, aborda uma única vida, em situação social similar, estabelecendo práticas sociais diferentes de outrora, apresentando a reflexividade agencial como conceito sociológico de observação e análise de transformação biográfica; como “o poder pessoal de refletir subjetivamente sobre as próprias circunstâncias e decidir o que fazer com elas ou a respeito delas” (ARCHER, 2016, p. 83), de tornar-se diferente do que se era antes; mudar; não mais se comportar, sentir ou fazer as mesmas avaliações como outrora; “substituir” a rotina diária por outra; reformular objetivos – daí a transformação biográfica –, partindo do pressuposto principal de que este processo de transformação é resultante de experiências extremas e quiçá traumáticas, reformulação de metas, quebras de rotinas, “novas” preocupações, “novos” projetos, os quais são reflexivamente avaliados e definidos por meio das conversas internas.

3.2 Sobre o Pesquisado (Estigma de um ex-detento)

Conheci João, pessoalmente, há aproximadamente dez anos durante uma confraternização familiar na casa da minha sogra. Antes disso, já havia ouvido falar seu nome por diversas vezes, e, geralmente, quando surpresos e espantados, os familiares o mencionava “pelos cantos”. *“Está sabendo o que Maria está arrumando?”*, foi assim que fui perguntado por um familiar se eu já tinha conhecimento do relacionamento entre João e Maria.

Em pouco tempo, confesso que eu também já estava repetindo a narrativa da família e amigos próximos, a qual pode ser sintetizada nas seguintes frases: “Com tanto rapaz por aí, ela está se envolvendo logo com bandido!”; “Deixa ela se envolver com vagabundo que ela vai ver no que vai dar!”.

Ela, uma jovem de pele clara, olhos verdes, recém-formada em Direito. Ele, também jovem (poucos anos a menos que ela), pele escura, com tatuagens pelo corpo

(“tatuagens de cadeia”, como diziam), para nós, um traficante que acabara de “ganhar a liberdade” após três anos encarcerado.

Quem era aquele rapaz? Pouco sabíamos sobre ele, apenas o nome e a marca permanente que trazia consigo, aquele sinal que automaticamente o desqualificava, o desvalorizava; era um “bandido”; “vagabundo”; “traficante”. Através daquela marca parecia que “tudo sabíamos” a respeito dele. Não importava o que ele fazia, quais eram seus projetos futuros, suas ações do presente, quais eram suas respostas para aquela famosa pergunta: Quais são as suas intenções para com ela, rapaz? Elas pouco importavam. Já havíamos construído sua identidade social. Sobre isto, aliás, Goffman (2004), explica que:

A sociedade estabelece os meios para categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social” (GOFFMAN, 2004, p. 5).

Baseados em pré-conceitos, chegávamos facilmente à conclusão de que aquele rapaz, de modo algum, “servia” para ela. Neste sentido, como cita Goffman (2004):

Baseando-nos nessas pré-concepções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso [...] Essas exigências são preenchidas? É nesse ponto, provavelmente, que percebemos que durante todo o tempo estivemos fazendo algumas afirmativas em relação àquilo que o indivíduo que está à nossa frente deveria ser (GOFFMAN, 2004, p. 5).

Antecipadamente, fazíamos exigências àquele indivíduo, imputávamo-lo atributos sem sequer conhecê-lo, sem saber quais os atributos de sua ‘identidade social real’. Sobre isto, Goffman (2004), cita que:

Assim, as exigências que fazemos poderiam ser mais adequadamente denominadas de demandas feitas “efetivamente”, e o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial - uma caracterização “efetiva”, uma identidade social virtual. A categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua identidade social real (GOFFMAN, 2004, p. 6).

Hoje, uma década depois, me senti na obrigação de desenvolver este capítulo, afim de relatar minha experiência com o estigma que, de fato, está presente na sociedade; sobre “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (Goffman, 2004, p. 4). Automaticamente – devido ao seu passado recente –, estabeleceu-se entre os membros da família que João “não prestava”. Como explica Goffman (2004):

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (GOFFMAN, 2004, p. 6).

Com o passar do tempo, a presença de João nos encontros familiares, ou outras formas de socialização, passou a ser mais frequente. Lembro-me de pensar: será que temos assuntos para conversar? Claro que sim! Mas a aproximação era um pouco cautelosa, de ambas as partes.

Da minha parte, existia certo receio! Nada sabia sobre ele, embora já tivesse dado o veredicto de que boa pessoa ele não era, afinal, estava preso, era bandido envolvido com tráfico de drogas. A sua “identidade social” – “para usar um termo melhor que “status social”, já que nele se incluem atributos como “honestidade”, da mesma forma como atributos estruturais, como “ocupação” (GOFFMAN, 2004, p. 5) – me “permitia” categorizá-lo, chegando a conclusão de que ele não possuía o atributo da honestidade e tampouco uma “ocupação” lícita.

Da parte dele, era nítido o comportamento cauteloso, algo próximo à timidez, afinal, ele tinha certa noção do que era falado sobre ele pelos familiares. Sobre isto, Goffman (2004) explica que:

Quando normais e estigmatizados realmente se encontram na presença imediata uns dos outros, especialmente quando tentam manter uma conversação, ocorre uma das cenas fundamentais da sociologia porque, em muitos casos, esses momentos serão aqueles em que ambos os lados enfrentarão diretamente as causas e efeitos do estigma. O indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão (GOFFMAN, 2004, p. 15).

Um tipo de estigma que Goffman (2004) classificou como ‘as culpas de caráter individual’, explicado da seguinte maneira:

[...] as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, **prisão**, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical (GOFFMAN, 2004, p. 7).

Nós, os familiares de Maria, enquanto representação da sociedade de uma maneira geral, poderíamos estar impondo inúmeras barreiras à consumação do processo de reintegração social de um ex-detento, contribuindo, desta maneira, para a elevada taxa de reincidência criminal, notadamente no estado do Espírito Santo. “Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode se impor atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus” (GOFFMAN, 2004, p. 7).

Após ouvir pela primeira vez a frase: “Não quero mais saber daquela vida!”, sendo proferida por João, é que comecei a perceber que um processo de mudança poderia estar em curso. Nada além da simples constatação de que – ao menos “da boca para fora” – ele não queria mais participar do tráfico de drogas, que mesmo nos dias atuais, ainda ocorre no seu entorno. Dizer é uma coisa, fazer é outra! Mas os relatos de Maria sobre o comportamento dele, confirmavam o que ele dizia.

Ao passo que nos tornávamos pessoas “mais próximas”, frequentemente pensava sobre a possibilidade de João ser “uma pessoa” quando estava conosco e “outra pessoa” nos demais contextos sociais. Recordo-me de questionar minha esposa (noiva ainda na época) quando conversávamos: será que na frente dos amigos (daqueles conhecidos que ainda faziam parte do tráfico) ele age da mesma maneira? Um questionamento um tanto quanto equivocado! E o meu comportamento? Era o mesmo nos diferentes contextos sociais? Claro que não! Afinal, desempenhamos vários papéis nos múltiplos contextos sociais que estamos inseridos. Ora somos filhos; ora profissionais; ora amigos; ora amantes, etc. Como explica Lahire (2002):

Porque não nos ocupamos, nos contextos sociais em questão, com posições idênticas ou semelhantes (podemos ser ou ter sido diversamente “filho ou filha”, “aluno ou aluna”, “colega de escola”, pai ou mãe”, “amante”, “goleiro/a”, “membro de uma associação”, fiel de uma igreja”, “colega de trabalho”, “trabalhador/a”, *and so on*), vivemos experiências variadas, diferentes e, às vezes, contraditórias (LAHIRE, 2002, p. 36).

Com o passar dos anos, e cada vez mais com a certeza de que, de fato, João não queria mais estar envolvido com tráfico de drogas, foi ficando mais nítido que isso era uma espécie de projeto no qual intencionalmente ele estava engajado; não apenas por que ele sempre dizia, mas, e principalmente, por que via muitas de suas práticas sociais.

Considerando que João ficou preso por três anos e quando saiu pouca coisa havia mudado (seus amigos eram os mesmos, sua residência no mesmo local, as atividades criminosas no seu entorno continuavam como outrora) começamos a pensar em ‘transformação biográfica’ a partir de uma mudança interna (não mais se comportar, sentir ou fazer as mesmas avaliações de antes) anterior às práticas sociais, e também, vale ressaltar, influenciados pela própria noção do pesquisado de um “antes e depois” em relação ao *self*, expressada em diversas situações de estresse quando necessário algum tipo de ação, podendo ser sintetizada, para um melhor entendimento, na expressão: “*Ah se fosse o João de antes!*”.

3.3 O Pesquisado

Nesta parte do texto, concentro-me na ‘história de vida’ de João, focando em aspectos que se relacionam com a “entrada e vida no mundo do crime”, com as sedução e atrações, as rotinas, a prisão, aos eventos extremos, baseados, principalmente, nas informações e relatos obtidos através das entrevistas realizadas, articulando com o arcabouço teórico apresentado anteriormente.

A metodologia de entrevistas me permitiu abordar temas nunca antes presentes em nossas conversas cotidianas, e, sendo assim, contribuiu para afastar, possíveis predefinições e preconceitos estabelecidos pelo convívio mútuo ao longo da última década, e, mais do que isso, independentemente dos resultados da pesquisa, contribuiu também, de alguma forma, para transformar este pesquisador enquanto ser humano, no mínimo em alguém com mais empatia.

Tão logo decidi mudar a pesquisa para esta segunda versão – ao alterar os sujeitos pesquisados –, passei a “entrar no assunto” com João; sobre o mestrado, sobre a pesquisa, sobre meu interesse em sua ‘história de vida’. Inicialmente fui realizando uma aproximação cuidadosa, uma vez que, em anos de relacionamento nunca havíamos conversado diretamente sobre sua trajetória. A resposta dele poderia ter sido: “*Não quero falar nada!*”.

Da minha parte, o “quase nada” que sabia – exposto na seção anterior – foi se desfazendo ao longo dos anos, dando lugar a novas percepções, interpretações e avaliações sobre ele. No entanto, não é sobre mim! Dependia de sua coragem e, sobretudo, confiança para expor a sua vida e aceitar participar da pesquisa, condição *sine qua non* para a realização deste trabalho.

Após meses de conversas informais – aparentemente, eram relatos que apresentavam ‘censuras específicas’, como explica Bourdieu (2011a) sobre a ‘Ilusão Biográfica’, permeados por hesitações e escolhas de palavras – fui surpreendido, de certa forma, quando conversávamos em uma confraternização familiar e João perguntou sobre meu trabalho: “*E sua parada lá, como está indo? Seu trabalho da faculdade?*”. Na ocasião percebi que, para ele, aquelas conversas informais sobre assuntos aleatórios já estavam sendo colocadas no papel – não era bem assim, por mais que, de uma forma ou de outra, eu “pescasse” algumas coisas para questioná-lo futuramente. Foi quando aproveitei para explicá-lo que, por se tratar de um trabalho científico, precisaríamos seguir um método (no caso entrevistas gravadas) e, mais importante ainda, respeitar imperativos éticos que devem pautar toda pesquisa em Ciências Sociais, especialmente, quando nos debruçamos sobre a vida de alguém. Para uma surpresa ainda maior de minha parte, após a explicação João respondeu: “*Tranquilo, pô! Fui no convento, mané, falei tudo com o padre, confessei tudo! Consigo falar tudo o que você quiser saber!*”. Por si só, esta frase proporciona elementos para pesquisas.

Gravamos uma série de entrevistas¹⁵, as quais partiram de questionamentos básicos, pautados, obviamente, pelas teorias e hipóteses de interesse da pesquisa, no entanto, com liberdade para que o entrevistado pudesse contar sua ‘história de vida’ com espontaneidade, e, sendo assim, enriquecer a investigação. Importante mencionar que as entrevistas não seguiram uma sequência rígida: por mais que eu tenha preestabelecido um roteiro ordenado de perguntas, as quais em nenhum momento foram apresentadas previamente ao pesquisado, algumas questões abordadas em uma determinada entrevista foram retomadas em entrevistas posteriores, com o intuito de esclarecer algumas questões, bem como para uma espécie de confirmação do que havia sido relatado anteriormente.

¹⁵ Todas as transcrições dos relatos de João apresentadas neste trabalho foram extraídas por meio dos áudios gravados durante as entrevistas, e são aqui reproduzidas da maneira mais fiel possível, mediante concordância e autorização do entrevistado.

Vale ressaltar que desde o primeiro momento em que conversamos sobre o trabalho atual, procurei não esclarecer sobre o tema da pesquisa, sobre o que exatamente eu buscava, com a intenção de não influenciar, na medida do possível, suas respostas, principalmente por nos conhecermos há vários anos. Evidentemente, ele logo compreendeu que escolhê-lo como pesquisado, estava diretamente relacionado com as questões do tráfico de drogas, prisões, etc. Portanto, fica evidente que o discurso recolhido é, inevitavelmente, influenciado pela situação da pesquisa, o que nos leva a destacar que a narrativa de vida pode variar, tanto no conteúdo, quanto na forma de apresentação de si (BOURDIEU, 2011a).

3.3.1 Morar com os avós / Morar com os pais

João nasceu na periferia da cidade de Vila Velha, no estado do Espírito Santo. Primeiro filho do relacionamento entre Madalena e Joaquim, João tem uma irmã mais nova, Joana, também do relacionamento entre Madalena e Joaquim.

Desde seu nascimento até os dez anos de idade, João morava com os pais e com a irmã, em uma casa ao lado da casa dos avós. De maneira geral, João desfrutou de uma infância que podemos chamar de comum: brincava na rua, frequentava a escola, se relacionava com outras crianças e adultos e com familiares que moravam próximos – avô, avó, tias, tios, primas e primos.¹⁶

O ambiente familiar de João, no entanto, era conturbado, principalmente, segundo sua avaliação, por causa do pai, o que só ficou mais claro para ele na adolescência, quando então passou a morar com os avós – dos dez aos quinze anos de idade – após estes se mudarem para a zona rural do município de Serra, também no estado do Espírito Santo.

As diferenças entre morar com os pais e morar com os avós foram destacadas por ele em mais de uma entrevista, tanto naquilo que percebia enquanto relacionamento interpessoal, quanto ao ambiente social. Quando João falava sobre

¹⁶ As informações até aqui expostas, proporcionam uma compreensão das múltiplas experiências socializadoras de João; da pluralidade de contextos por onde o agente se move; da multiplicidade de *habitus* de um ator plural (LAHIRE, 2002).

os avós, muita das vezes sem que eu tenha feito alguma pergunta específica, ele destacava que os avós conviviam mais pacificamente do que os pais:

— Daí eles tinha 50 e poucos anos de casado, meu avô e minha vó, eu nunca vi ele brigar ou discutir, tudo tinha compreensão pros dois.

Posteriormente, em uma outra entrevista, voltei neste tema, sobre os avós, quando João relatou:

— Mano, não tinha briga fí, era tudo concordado, não tinha esse negócio de discussão, essas parada.

Na casa dos pais não era bem assim, o ambiente já era diferente:

— Já, o ambiente já era diferente. Meu pai né véi, meu pai, tipo assim, não ajudava muito. Isso aí foi tudo minha mãe, véi. Minha mãe que cuidou de nós mesmo. Se cê for olhar, oh, eu tinha um pai! Só que meu pai, ele não era aquele pai. Bebia pra caralho, chegava em casa doidão, queria, tinha vez, brigar com a minha mãe, e minha mãe tinha vez, só que ele não era de agredir, entendeu? Mas minha mãe também ficava tão nervosa, com a condição dele chegar direto bêbado, tinha hora que minha mãe dava umas rasgada nele fí, dava um páh.

Mesmo nas épocas em que conviveu com o pai, João deixou claro que havia uma certa “distância” entre eles, e que a sua prioridade era a mãe:

— Meu pai sempre morou aqui, só que meu pai não era aquele paizão, páh: Ah, vamos pra tal lugar! Ele era mais na dele, entendeu? Minha finalidade mesmo era eu e minha mãe, entendeu?

Em relação ao ambiente social, morar na zona rural com os avós, para ele, era “outra vida”, ou como afirmou: “ *a vida era outra mente, muleque!* ”. Destaco a notável alegria, perceptível até mesmo pelo brilho nos olhos, sempre que vinham à tona as lembranças desta época. Enquanto na “roça” a vida era estudar, andar a cavalo, tomar banho de lagoa, pescar, plantar, caçar na mata, etc. Conviver com os pais também significava estar inserido em um ambiente social no qual o tráfico de drogas estava à porta, onde as amizades costumavam “matar aula” para fumar maconha, onde foi possível “descobrir” que o pai usava drogas e havia sido preso algumas vezes – importante mencionar que a decisão tomada pelos familiares de enviar João para morar com os avós, foi motivada pelo envolvimento de Joaquim (pai de João) em

crimes relacionados à roubo de cargas e veículos, fatos estes que só foram conhecidos por João posteriormente, quando já estava com aproximadamente quinze anos de idade.

3.3.2 A morte dos avós e o retorno para a casa dos pais

Após cinco anos morando com os avós, próximo de completar quinze anos de idade, repentinamente, João perdeu o avô. Certa manhã, uma semana depois de terem ido pescar, o avô de João o acordou cedo e, antes de sair de casa para ir ao médico, prometeu levá-lo, ainda naquele mesmo dia, novamente ao pesqueiro – a pesca foi citada em vários momentos das entrevistas como uma dimensão afetiva, como um gosto desenvolvido pela convivência com o avô na zona rural¹⁷. No entanto, neste dia, ao realizar um procedimento cirúrgico no coração, o avô de João não resistiu e perdeu a vida.

Devido a morte do avô de João, a família decidiu que ele e a avó voltariam para Vila Velha, no entanto, como faltavam quarenta dias para o fim das aulas na escola, a avó de João optou por aguardar este período, por mais que, de luto, chorasse todos os dias pela perda do cônjuge, com quem já era casada por mais de cinquenta anos.

No último dia de aula, quando já estava tudo preparado para retornarem, a avó de João sofreu um infarto fulminante, notícia que João recebeu voltando da escola, no caminho de casa. Em quarenta dias João perdeu os avós! Quando perguntado se de alguma forma foi traumático, com bastante ênfase João respondeu: *“Rapaz, foi, tá! Pô, foi!”*

Além das perdas dos avós, João voltou para a casa dos pais, fatos estes que são demarcações muito importantes na compreensão de sua biografia, como linhas duras ou molaes (DELEUZE; GUATTARI, 1996), onde claramente foi possível constatar que o pesquisado estabeleceu um “antes e depois” em sua trajetória de vida.

Quando estávamos nos primeiros minutos da primeira entrevista, João já deixou claro que, no entendimento dele, voltar a conviver com os pais na periferia de Vila Velha, após cinco anos morando com os avós na zona rural de Serra, foi o fator

¹⁷ Aqui encontramos a noção de *habitus* de Bourdieu, enquanto “sistema de disposições duradouras” (Bourdieu, 2002, p.167) internalizado em João. A pesca é uma das atividades que, até hoje, João mais gosta, realizada sempre que possível.

mais decisivo para uma mudança em sua vida, especificamente, para a entrada no “mundo do crime”.

— Aí, tipo assim...Aconteceu isso aí depois que meus avós morreram também, entendeu? Aí eu fiquei tipo, não é que eu fiquei jogado, aí só tinha só minha mãe, entendeu? Pra ficar em cima de mim. Então, não é fácil, ela trabalhava, eu era muleque novo. Aí cê sabe, quando cê é aquele muleque novo, cê só estuda, cê num trabalha. Aí cê tem suas roupinhas, seu rango, suas parada. Aí que desencadeei essa parada. Perdi meus avós, aí vim pra cá. Como moro aqui, tipo assim, parada “em cima” aqui também, pela minhas amizades também que eu construí, entendeu?

Por diversas vezes, em mais de uma entrevista, João deixava claro esta demarcação, como uma certeza de que a vida dele seria diferente, caso continuasse na zona rural.

— Minha vida era pra ser desse jeito, se não tivesse, tipo assim, não boto culpa nos meus avós também que faleceram, de eu entrar lá, só que se eles estivessem meu irmão, minha vida era aquela lá, véi. Gostava de muntar num cavalo, gostava de pescar, meu irmão, e essas parada aí mesmo. Aí desandou quando eu vim, voltei, véi. Voltei pra cá, aí já voltei na adolescência né, véi, 15 anos de idade meu irmão.

Em uma outra entrevista, quando voltei a mencionar este assunto, João ratificou seu entendimento:

— Aí vim pra cá, aí comecei fí, desenvolvi, peguei e comecei usar droga fí, aí logo, tum! Apareceu uma oportunidade aqui, comecei a vender umas droga.

A noção de *campo de possibilidades*, conforme exposta por Velho (2004), nos ajuda a refletir sobre a gama de alternativas que se apresentam ao indivíduo em determinado espaço (sociocultural) e momento (sócio-histórico). As diferenças em relação ao local onde se vive impactam diretamente nas possibilidades de escolhas do agente no campo social, na interação com os contemporâneos.¹⁸ João tem essa noção, ao relatar como a vida dele poderia ter sido diferente, caso não tivesse que voltar da casa dos avós para a casa dos pais.

O pai de João, recém-saído da prisão, não ficava em casa; a mãe, trabalhando o dia todo, também era ausente; na nova escola João fez novas amizades, passou a

¹⁸ Se na pesquisa de Velho (1994), Catarina teve seu campo de possibilidades modificado após mudar-se com a família dos Açores para os Estados Unidos, de igual modo ocorreu com João, tanto na ida para a zona rural, quanto na volta para a vida em uma periferia urbana.

fazer uso de maconha, prática bastante comum entre os amigos; o tráfico de drogas “na porta de casa” também era uma realidade.

– Já não tinha aquele negócio de estudar legal! Já cheguei e peguei uma turma que, já era aquela turma da baderna, tá ligado? Aí como minha mãe trabalhava muito, não tinha aquela cobrança de ficar: “pô, tá indo pra escola?” e tal. Aí cê começa a já matar uma aula, a pular o muro, entendeu? Daí nessa época nós ia pra locadora, essas parada. Através daí você já vai fumando um cigarro, uma parada, aí pensa que não você já está envolvido aí.

A pesquisa realizada por Velho (1994), traz elementos e conclusões sobre a vida de Catarina que muito se assemelham ao que encontramos em nossa pesquisa com João. Sobre aquela pesquisa, o autor discorre que:

Vive com os pais e parentes, enquanto vai à escola onde entra em contato com formas de sociabilidade imprevistas. O uso de drogas, bastante disseminado, traz novos modos de definição da realidade, acompanhando as alterações de consciência [...] São empurrados por forças e circunstâncias que têm de enfrentar e procurar dar conta. Os mecanismos tradicionais de controle familiar parecem ter pouco peso diante de situações novas [...] Ela aprende a lidar com essa situação, desenvolvendo não só estratégias racionais mas, sobretudo, uma capacidade de adaptar-se às circunstâncias (VELHO, 2004, p. 45).

3.3.3 “A vida” no tráfico

Aos quinze anos de idade João começou a fumar maconha, aos dezesseis, já estava tomando conta do “movimento”, das atividades do tráfico de drogas que, até hoje, ocorrem nas proximidades de sua residência. Em uma escala hierárquica, estava abaixo apenas da chefe, “da dona”.

– Com dezesseis ano eu já tava tomando conta de tudo aqui! Movimentava tudo, cortava a droga, botava pra espalhar e depois passava e recolhia o dinheiro. Aí comecei!

Na tentativa de identificar um “ponto inicial” no interesse de João em começar a vender drogas, questionei, por algumas vezes, se alguma coisa específica o atraía no tráfico; sobre o que o fez começar “nesta vida”; o que o seduzia. De início, João deu a entender que foi uma espécie de “caminho natural”, de reprodução de práticas do meio social, como *disposições* – no sentido de Bourdieu (2002) – que servissem

como gramáticas gerativas de novas práticas conformes com as estruturas objetivas de que ele passou a ser produto (PINTO, 2000).¹⁹

– Foi fluindo memo, fui vendendo e fui! Foi tipo natu (ral), foi, foi indo, fí!

Conforme as entrevistas avançavam, tive oportunidades para questioná-lo mais vezes sobre o que o atraía, o que era importante para ele, se em algum momento pensou em “mudar de rota”, quais eram seus ganhos. De maneira até certo ponto óbvia, o ganho financeiro foi o primeiro e mais citado “elemento de sedução”, no entanto, o dinheiro por si só não parecia ser um fim, mas um meio para conseguir respeito, mulheres, crescer na hierarquia da organização, ser “o cara”, comprar roupas, alimentos, veículos, armas, drogas, ter “uma moral” e dominar.

– Não, já tava já, decidido já ficar pra dominar memo, cê entendeu?

Para ele, o que fazia sentido era viver no que hoje ele reconhece como uma fantasia, como um mundo de aparências, no qual as preocupações podem ser organizadas em torno das três categorias nas quais todos os seres humanos necessariamente possuem, conforme proposta de Archer (2003), a saber: Bem-estar físico; competência performativa e autoestima (ARCHER, 2003; VANDENBERGHE 2008; CORRÊA & TALONE, 2021).

– Eu que fui pro lado errado mesmo, que fui vivendo uma parada, que eu tô te falando, uma fantasia. Você acha que você tá pocando! Você pode até olhar hoje. Hoje cê vê mulher de traficante, páh! Meu irmão você vê a mulher fí, cê fala “não meu irmão, essa mulher é modelo! ”. Aí cê vai vivendo essas aparência aí mano, cê tá entendendo? Cê vê um brotherzinho seu, “ah, tá com uma paradinha e tal, mulher já deu uma condição”. Cê vai vivendo esse mundo aí mano!

Com o tráfico de drogas, o bem-estar físico poderia ser adquirido através das roupas e acessórios, alimentos, veículos, armas, etc. Outros elementos podem ser relacionados à competência performativa, como crescer hierarquicamente na estrutura organização e “dominar o território”. Já outros fazem referência à autoestima, como o respeito, “moral”, ser “o cara”, ser desejado.

– Era grana! Era você andar, roupa boa, andar, tinha uma arma boa na época, que também tinha isso também, de você ter uma parada boa, de você porra, chegar no lugar e “porra se liga aí oh,

¹⁹ Como uma dimensão praxiológica de um *habitus*.

peguei aí fí, uma pistola .40". Igual na época aí, porra, é, uma Glock fí, quem tinha era 'O cara'! Era dessa forma véi, que era! Cê entendeu?

A rotina no tráfico, o dia a dia, foi descrita por ele como tensa. Além das preocupações com a integridade física das drogas, das armas, do dinheiro, havia também, de maneira constante, a preocupação com a própria integridade física, a qual estava permanentemente ameaçada pela polícia, por integrantes de grupos rivais e até mesmo por pessoas que trabalhavam para ele. A necessidade de *“estar ligado o tempo todo”*, tinha como consequência uma rotina de ficar dois dias sem dormir.

As ameaças internas eram combatidas através da vigilância. Era necessário, por exemplo, “ficar de olho” nas pessoas contratadas para limpar o local onde as drogas ficavam estocadas; e até mesmo “ficar de olho” para que não houvessem desvios por parte de alguns integrantes do grupo.

A ameaça externa da polícia também passava por uma estratégia de monitoramento e vigilância. Em caso de alguma “batida” ou operação, era importante não ser surpreendido, pois, desta forma, não conseguiria esconder “a mercadoria”, se esconder ou até mesmo fugir. Já a ameaça externa de integrantes de grupos rivais, ou algum outro tipo de situação de conflito, era “resolvido” com as armas. João relatou – quase sempre fazendo pausas e escolhendo as palavras – que, por algumas vezes, foi inevitável lançar mão das armas para manter a situação sob controle, mesmo que isso significasse apenas ostentá-las.

Embora ele mesmo tenha entrado neste assunto, já na primeira entrevista, este era um tema que, aparentemente, causava algum desconforto para ele, era possível perceber uma certa tensão.

A partir das reações de João (tensão, hesitação, escolha de palavras), deduzi o quanto estas situações poderiam ter sido extremas, sem me aprofundar, no entanto, naquilo que não foi dito.

João fazia questão de contar tudo para os pais, ao menos os acontecimentos mais importantes. Era uma maneira de deixá-los cientes caso alguma coisa acontecesse com ele. E aconteceu!

– Sabia pô! Minha mãe e meu pai. Eu contei tudo pro meu pai e pra minha mãe, porque na época se acontecesse alguma coisa comigo, já sabia da onde que, cê entendeu?

3.3.4 Foragido por um ano

Outro evento extremo relatado por João foi ter que ficar foragido por quase um ano, por um crime que, segundo ele, não cometeu.

Muito embora João já tivesse sido conduzido à delegacia em outras oportunidades, por suspeita de envolvimento com tráfico de drogas, ele nunca havia sido preso, sempre foi liberado no mesmo dia. Desta vez, no entanto, a situação lhe pareceu mais grave.

Certa vez, João estava na casa onde aconteciam as atividades do “movimento”, quando, de repente, ele ouviu uns tiros do lado de fora. Ao sair pelo portão, se deparou com uma pessoa, já sem vida, caída no chão, além de várias outras pessoas que também se aproximaram da pessoa vitimada. Passados alguns dias, João foi denunciado por este crime, juntamente com seu melhor amigo, com quem João era muito próximo.

– Nós era igual uma pessoa e uma sombra, tá ligado?

Após este evento João se percebeu em uma situação em que não poderia se entregar para a polícia, e muito menos colocar a culpa no melhor amigo. A solução encontrada por ele foi fugir.

Ficar foragido por aproximadamente um ano, foi relatado por ele, em outras palavras, como uma experiência extrema, e que, mais uma vez, foi inserido por ele durante a entrevista, sem que eu o tenha perguntado.

– Oh, teve uma época também que eu fiquei foragido, mané. Um ano Darlan, um ano sem poder vim em casa. Os “homi” todo dia, a civil, todo dia eles invadia a casa da minha mãe, todo dia!

Em outro momento relatou:

– E é uma parada ruim, tá véi! Que cê chega nos lugar assim, pessoa já te vê com outros olhos, cê tá foragido, que a polícia a qualquer momento pode chegar! Aí rapá, até que a última vez, daí pegaram ele, pegaram ele, por causa dessa parada.

João voltou para casa após seu melhor amigo ter sido capturado pela polícia. Na ocasião, mesmo não tendo confessado o crime, um documento de confissão foi apresentado pela polícia.

– Como ele foi preso, aí eles botaram, tipo assim, fizeram ele assinar, mano. Tipo, ele assinou o homicídio, só que não foi nada depoimento de falar: “ah, fui eu!”, depoimento. Os cara teimaram, que os cara também planta, fí. E ele assinou o homicídio, 121. Hoje ele tem até o processo, pô! Se você puxar o processo dele, ele tem o artigo.

Sem saber, o amigo de João assinou a confissão, após ficar cinco dias apanhando dos policiais.

– Confessou não! Falou que não foi ele não, e tipo assim, na época não tinha testemunha pra falar que foi ele, então, aí o advogado na época até arrumou um laudo lá. Eles bateram nele quando pegaram ele. Ficaram uns cinco dia batendo nele. Ele ficou tipo meio “vinte e dois”²⁰ lá dentro da cadeia.

Desta vez, após ficar um longo período foragido, João voltou à rotina da atividade do tráfico de drogas. Após o amigo ter “confessado” o crime, nenhuma acusação recaiu sobre ele. Mas chegou um dia que a história foi diferente, João foi preso e não foi como nas vezes anteriores, desta vez ele não foi liberado no mesmo dia!

3.3.5 A Prisão

Aos vinte e um anos de idade e já comandando as atividades, João estava em uma posição mais estratégica, mais elevada na hierarquia da organização. Sendo assim, ele era o responsável por recolher o dinheiro e já não ficava mais todo o tempo no local das vendas das drogas.

– Eu, nessa época aí que eu fui preso, eu já não vendia mais, eu só recolhia o dinheiro, e tipo assim, eu já tinha arrumado até uma pessoa que cortava também e só acompanhava. Então, eu já tava tipo em outro patamar da parada.

Ao voltar para casa, depois de realizar aquilo que era de sua responsabilidade, João se encontrou com Madalena, sua mãe, saindo para trabalhar. João decidiu tomar um banho e sair para dar uma volta com um passarinho na gaiola. Madalena, entretanto, pediu para o filho ir descansar, insistindo por diversas vezes: *“meu filho, pelo amor de Deus, olha como você está!”*.

²⁰ “Vinte e dois” é uma gíria que significa ‘louco’, ‘maluco’, ‘doido’.

– Aí ela insistiu, mano, tipo assim, duas, três, quatro vezes! Aquele negócio de mãe que já tinha batido nela!

Apesar da insistência da mãe, João saiu novamente. Ao passar próximo ao local do movimento, João recebeu um pedido de um colega, responsável por ficar vigiando o local a partir de uma casa ao lado: *“Porra véi, quebra meu galho aqui, segura as onda aqui pra mim, rapidim?”* João atendeu o pedido! Foi quando, em pouco minutos, fruto de uma investigação que já acontecia há tempos, vários policiais à paisana chegaram ao local e prenderam João, na casa ao lado, depois de já terem apreendido tudo e todos na casa onde aconteciam, de fato, as atividades do tráfico.

– Os cara tudo à paisana, tudo de roupa normal. Meu irmão, quando eu cheguei lá em cima eu nem vi mané, quando eu vi o cara tava puxando meu braço! Do jeito que o cara puxou o meu braço já tomei um rodão que eu nem vi fí, já caí pro lado assim oh, tinha até chovido na madrugada, eu caí só pra um lado dentro da água fí, quando eu olhei aquele monte de cara já em cima: “Perdeu!, Perdeu!, Perdeu!” E eu com a arma na cintura mané, eles tava tão me sufocando, que eles queria as coisas, e na época era uns cara corrupto mané, que tinha duzentos Real em dinheiro no meu bolso, pegaram, colocaram, na época aqueles cordãozão de prata, eu tinha um e já botaram no bolso. Aí eles desesperados querendo mais coisas e eu tentando avisar que eu tava armado, e a arma na cintura, e eles me algemaram pra trás e a arma na cintura. Aí quando chegou lá dentro do carro que eles me deixaram falar! Quando eu falei que tava armado, meu irmão, já tomei uma dessa aqui²¹ na goela, ali já quase me mataram, aí me botaram dentro da viatura.

João foi levado para uma delegacia no próprio município de Vila Velha, onde foi autuado em flagrante por ‘Tráfico de Drogas’ (Art. 33 da Lei nº 11.343/2006) e ‘Porte Ilegal de Armas’ (Art. 14 da Lei nº 10.826/2003). Naquela mesma tarde João foi encaminhado para o presídio. Começava naquele dia, o primeiro de João como detento, uma outra demarcação muito importante em sua trajetória.

No dia em que foi preso João foi levado para uma penitenciária localizada em Aracruz – segundo município ao norte da capital Vitória, o primeiro é o de Serra –, entretanto, não ficou lá.

– Quando chegou lá na porta do presídio, meu irmão, aquelas guaritona, os cara identificando como polícia, cê acha que os cara abriu, meu irmão? Os cara não quis nem descer da guarita, fí. E os cara era polícia, só que os cara pô, presídio grande os cara pensa: “ meu irmão isso é uma enrascada

²¹ Gesticulou uma cotovelada.

e tá, tá, tal”. Sei que voltaram com nós, fí, lá pra Novo Horizonte²². Chegou lá uma cadeia sujona mané, na época os cara dormia na rede.

João, portanto, foi preso pela polícia no início da manhã, no município de Vila Velha. Após ser conduzido para a delegacia, foi levado para a penitenciária localizada no município de Aracruz. Já de madrugada, voltou para o município de Serra, para o presídio de Novo Horizonte.

– Daí levaram nós pra lá, de madrugada isso já, daí voltaram com nós de Aracruz pra Novo Horizonte. Chegou lá meu irmão, a cadeia sujona, aqueles ratão passando, mané, a sala era um cômodo desse aqui assim, um quadrado, cinquenta, fí, um galerão no chão, aquele monte de rede, fí.

Em uma cela com menos de vinte metros quadrados, estavam detidas em torno de cinquenta pessoas, as quais ficavam sentadas no chão ou em pé. Uma forma de conseguir deitar-se era através da utilização de redes, “privilégio” para alguns. Enquanto João narrava, as cenas iam “passando na minha cabeça”. Perguntei novamente sobre o tamanho da cela, se era aquilo mesmo que ela tinha mencionado.

– Isso aí! E maluco, mais de cinquenta homem, aquele monte de cara na rede. Aí é o tal do chorar, chorar a rede que eles fala, é tirar elas. Aí os cara teve que de madrugada tirar as rede pra nós entrar, daí saía espalhando, era seis cela, aí botou eu e um amigo meu junto, os outro espalhou em cada uma, de madrugada.

Por várias vezes, João mencionou sobre as redes na cela. Posteriormente, durante nossas conversas, fui entender o porquê: João ficou onze dias no presídio de Novo Horizonte, e, já no sexto dia, ele havia conseguido uma rede para dormir – o que ele atribuiu ao seu jeito “*descolado*” de ser. No entanto, certo dia, enquanto estava deitado, a rede despencou do alto. João caiu direto no concreto e quebrou algumas costelas. Tal fato foi descrito por ele, como uma “sacanagem” que os outros detentos, por algum motivo, fizeram.

Diante da lesão, João precisou ser levado ao médico por dois dias seguidos – o presídio de Novo Horizonte não dispunha de atendimento médico; em caso de necessidade, os detentos tinham que ser levados pelos agentes penitenciários para

²² A penitenciária de Novo Horizonte, no município de Serra, foi, durante muito tempo, símbolo de tortura e outras violações de direitos humanos. O presídio foi totalmente desativado no ano de 2010 e demolido no ano seguinte. Ao consultar fontes históricas sobre a penitenciária, foi possível encontrar matérias de jornais como esta que aqui apresento, disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160823_aj15264_segurancapublica_presidios2.pdf

serem atendidos em algum hospital da rede pública. Entretanto, João foi alertado pelos outros detentos: *“João, oh! Essas parada do médico. Tô passando por uma aqui, eu também passo!”*.

As idas de João ao médico poderiam complicá-lo, caso os agentes encontrassem o que estava escondido dentro da cela (drogas, telefones). Como uma espécie de regra estabelecida, aquele que estivesse em contato com os agentes se tornaria o principal suspeito de ter contado sobre o que estava escondido, e, sendo assim, se tornaria um alvo dentro da cela. Mesmo com as costelas quebradas, João preferiu não ir mais ao médico, permanecendo em silêncio sobre o sofrimento pelo qual passava.

– E eu com a costela fraturada que eu não conseguia nem respirar!

No total, João ficou onze dias na penitenciária de Novo Horizonte, e só foi transferido devido ao fechamento definitivo daquele presídio. O destino foi o CDP (Centro de Detenção Provisória) da Serra. Uma penitenciária muito diferente da anterior, mais limpa, mais moderna.

Nos primeiros momentos no CDP da Serra, ocorreu um evento que muito marcou a vida de João: Ao chegar no presídio, juntamente com outros presos que também foram transferidos, ele saiu da viatura e, com as mãos e pés algemados, se dirigia para uma sala onde cortava-se o cabelo dos detentos. Ao passar próximo do refeitório dos agentes, João olhou para o lado e, surpreendentemente, viu a mãe trabalhando – Ele sabia que a mãe trabalhava em uma empresa que servia comida nas penitenciárias; já tinha ouvido ela dizer que ia na “custódia”, mas não tinha ideia em quais presídios, ou ainda, qual função a mãe exercia na empresa. De todo modo, foi uma surpresa muito grande vê-la no exato momento em que chegava na penitenciária. Após onze dias, a mãe de João conseguiu, além de saber onde ele estava, vê-lo pela primeira vez, mesmo que rapidamente.

– Eu tomei um baque e ela passou mal, fí! Ela nem trabalhou esse dia, passou mal, desmaiou lá. Pessoal, os agente, tudo páh! “Meu filho!” E eu vi ela só de relance, daí o cara: “vai, vai, vai, se adianta!”, botou pra dentro.

Perguntei sobre o que ele sentiu, o que pensou ao ver a mãe:

– Na hora, eu, eu, pô, falar procê véi, eu fiquei só, falei: Caralho, véi! Fiquei tipo assim, em órbita, mano, não sabia nem o que pensava, se eu tava errado, se tava certo, cê entendeu? Foi aquele relance: Páh, vi minha mãe, fí!

O fato de estar na mesma penitenciária onde a mãe trabalhava fazia cinco meses, foi motivo para que, pelos protocolos de segurança, Madalena fosse transferida para trabalhar em outra penitenciária. Ela seria transferida ou ele teria que ser transferido. Madalena optou por ser transferida, pois poderia pedir aos agentes penitenciários conhecidos, e ao próprio diretor, para “vigiar” e “cuidar” de João.

Muito embora reconheça que foi uma pequena “vantagem” ter pessoas conhecidas de sua mãe no presídio, João relatou vários momentos de “tortura psicológica” por parte de alguns deles.

– “Você que é o João?”. Falei: Sou eu mesmo! “Seu vagabundo! Seu safado!”. Já começou a me xingar! Falei: Que que cê tá me xingando, agente? “Você é safado rapá, por causa de você sua mãe perdeu o emprego!”. Falou bem assim comigo! Daí eu já comecei chorar: “Caralho véi, acabei com minha mãe!”

Madalena não havia perdido o emprego, apenas havia sido transferida, entretanto, foi uma estratégia utilizada pelos agentes para, de alguma forma, abalar João.

– Não, não foi! Daí ela me explicou lá o que que foi. Os cara que me botaram terror lá que ela tinha perdido o emprego!

Passados aproximadamente dez dias, João recebeu a visita da mãe. Era a primeira vez em três semanas que, exceto pela coincidência anterior, se veriam. O encontro ocorreu no parlatório da penitenciária.

– Já tinha quase um mês! Aí pô, minha coroa me viu e começou a chorar. Cê também não guenta a mãe chorando!

Após o encontro, uma agente se aproximou de João e disse: “*É rapaz, olha a dor de cabeça que você está dando pra sua mãe!*”.

Após ficar, aproximadamente, sete meses no CDP da Serra, João foi julgado e condenado pelos crimes nos quais havia sido acusado (tráfico de drogas e porte ilegal de armas). Inicialmente ele foi condenado a sete anos e cinco meses de reclusão,

entretanto, com o recurso apresentado pelo advogado a pena caiu para cinco anos e cinco meses.

Com a expectativa de ser liberado – tanto pelo que o advogado explicou, quanto pelo o que ouviu do juiz –, a decisão da justiça foi, de certa forma, uma surpresa. A sentença só saiu passados mais de trinta dias do julgamento.

– O doutor falou comigo: “*Rapaz, se bestar, cê vai embora!*”. Eu pensei que ia embora também, pelas ideia do juiz lá e tal. Réu primário e tá, tá tal! E também fui réu confesso, mané! Cheguei lá e falei que a parada era minha, falei que arma, droga era minha! Tudo, tem até meu depoimento até hoje! Falei que era tudo meu! Que eu também tinha que ser homem, né véi?

João sabia, pelos cálculos, que teria que ficar mais três anos preso em regime fechado.

– Aí pô, eu com sete mês, eu com sete mês. Carai, e esses 7 mês já parecia que eu tava uns dois ano. Aí caralho véi, “ficar mais dois ano e pouco aqui, fí!”.

Após a sentença judicial, João foi transferido do CDP da Serra (Detenção provisória) para o Complexo Penitenciário do Xurí, em Vila Velha (Regime fechado). Já passados dois anos e cinco meses de cumprimento de pena, ocorreu o que ele considera o acontecimento que mais marcou sua trajetória: A mãe chegando com os pés descalços para visitá-lo.

– Aí, meu irmão, a parada que mais me marcou, fí, na minha vida mesmo, que eu pensei assim: “Rapá, tenho que sair fora disso!”, foi o dia que minha mãe entrou descalço na visita.

Em outro momento da entrevista, entrei neste assunto novamente, quando João ratificou o que tinha dito anteriormente.

– Como eu falei com você, o filme que tem na minha mente, cê pode me perguntar dez vezes que vai vim, é minha mãe entrando descalço. Aquilo dali me quebrou. Falei: “o que que minha mãe tá passando?”, que ela não precisava tá passando aquilo dali, que ela sempre foi trabalhadeira.

Madalena havia ganhado uma sandália nova e decidiu usá-la para visitar o filho. No entanto, chegando ao presídio, ela não conseguiu entrar, devido a uma flor de metal que estava na sandália, o que era proibido pelo protocolo de segurança da penitenciária. Ela, então, se dirigiu a um bazar próximo ao presídio, buscando conseguir algum outro calçado para ser autorizada a entrar na penitenciária. Sem

sucesso, Madalena voltou à portaria do presídio e foi informada que não poderia entrar, a não ser que entrasse com os pés descalços.

– Aí a mulher falou com minha mãe: *“Oh, ou você vai entrar descalça ou você vai ter que voltar embora e vim na próxima visita lá, aí a gente passa pra ele lá”*. Aí minha mãe: *“Não, não vim de lá pra, vou ver meu filho, fi!”*.

Nos dias de visita, as pessoas costumavam ir todas bem vestidas, afinal, era um evento muito importante para todos os envolvidos, e, sendo assim, estar com os pés descalços poderia ser bastante constrangedor. Tal episódio “marcou” profundamente a vida de João.

– Aí as visita tudo entrando muleque, e eu já esperando, tipo uma pracinhazinha lá, vem minha mãe descalça, muleque, todo mundo calçado, fí, aquilo me bateu uma parada, fí, que na hora eu me segurei, *“que caralho véi!”*. Minha mãe chegou e até ela chorou, daí eu não aguentei. Ela falou: *“Ô meu filho, ou eu vinha descalço ou eu tinha que voltar, e eu não ia deixar de te ver!”*. Aquilo que marcou na minha mente, mano! Até hoje véi, marcou sinistramente mesmo!

No presídio de Xurí, João passou a estudar e a trabalhar costurando bolsas, o que considera uma tentativa de ressocializar as pessoas, de tentar mudá-las, tirá-las “da vida do crime”.

– Então, eles quer, como se diz, ressocializar as pessoa, pô! Hoje tá tendo muito projeto pra tentar mudar o cara, pra tentar tirar o cara dessa parada.

Quando questionado se, para ele, estudar e trabalhar no presídio foram atividades que o ajudaram, ele imediatamente respondeu balançando a cabeça positivamente.

– Aí cê já vai mudando, fí, sua cabeça, já pah! E eu já tava com outra mente já!

Após dois anos e seis meses detido, João foi novamente transferido, desta vez para o IRS (Instituto de Reabilitação Social), localizado no bairro da Glória, também no município de Vila Velha. Além de ser um local mais próximo para receber as visitas dos familiares, João, através dos advogados, conseguiu progressão de pena para o regime semiaberto. Foi quando começou a trabalhar em uma empresa de terraplanagem, e retornar à noite para o presídio. Mas como diz o ditado: *“Nem tudo são flores”*. João ainda passaria por alguns episódios marcantes em sua vida.

Certo dia, já em regime semiaberto, João voltou para a penitenciária após um dia de trabalho. Chegando lá, se deparou com o corpo de um colega, violentamente assassinado. Muito embora não tenha presenciado o exato momento, João relatou o episódio como se estivesse relatando um filme de terror, foi perceptível pela forma, um tanto quanto angustiado, com que proferia cada palavra.

– Cheguei lá e o cara não tinha nem crânio, fí! Eles bateram de barra de ferro, fí, até matar! Só a lama no chão, da cabeça do cara!

Questionado se, de alguma maneira, aquilo o impactou, João respondeu:

– Não, já deu um baque! Só que ali eu já tava já com outra mente, já estava saindo na rua, trabalhando, cê entendeu?

Entre outras experiências, ainda no IRS, João relatou sobre dois detentos que estavam sofrendo tanto com a prisão que, frequentemente, tentavam tirar a própria vida. Um era um político de aproximadamente cinquenta anos de idade, que nunca havia passado por aquela situação.

– Tipo chegou um cara que era político, véi. Uma tretinha que teve lá, quase cinquenta ano, nunca foi preso, o cara bateu lá, fí, chorava todo dia, mané! Chorava, chorava, queria se matar, cê entendeu? A gente que segurava as onda dele, questão disso aí também!

O outro, um jovem negro, preso “por engano”.

– Passei com outros cara também, que deu depressão no cara dentro da cela, do cara querer se matar; de deixar pra ir no banho de sol, não podia deixar o cara sozinho lá na cela. Pegaram o cara, falaram que foi o cara, o cara tava com a roupa, tá, tá tal! Até explicar que focinho de porco não é tomada, e o cara estava lá no presídio. Não tinha advogado, não tinha nada! E ele ficou uns seis meses ainda, preso!

Após conversarmos sobre outros assuntos, João se lembrou da morte do pai, tal fato que ele não havia comentado nas entrevistas anteriores. Fiquei pensando se este esquecimento não seria por conta da relação “distante” de João com o pai, ou ainda por sua afirmação: *Minha finalidade mesmo era eu e minha mãe!*

– Ah, daí também, tava esquecendo disso! Aí já teve a morte do meu pai também nessa parada, nessa caminhada minha. Eu já tava no semiaberto, ali na detenção.

Já instruído pelo advogado para não se envolver em nenhuma confusão, João estava ciente de que não faltava muitos dias para receber o alvará de soltura.²³

Em certo dia, quando João saía do presídio para ir trabalhar, foi impedido pelos agentes penitenciários: *“Cê não vai sair hoje não!”*. Como já havia recebido as orientações do advogado, João acreditou que se tratava do alvará de soltura.

– Aí porra, minha mente, o advogado veio aqui, falei: meu alvará!

Acostumado a sair para trabalhar às quatro horas da manhã, João ficou sozinho na penitenciária, com a certeza de que finalmente estaria em liberdade.

– Aí mané, quando deu nove e pouco, fí, daí de quatro hora da manhã eu não consegui dormir mais, fí, só olhando lá pra fora, falei: “Caralho!”. Ansiedade. “Vou embora, vou embora, vou embora!”.

Mas a notícia não era a que João tanto esperava, era bem pior! João foi direcionado para uma sala, e, ao chegar, já se deparou com a sua prima chorando. *Não é nada com minha mãe não, né?*, perguntou ele, *“não, com sua mãe não, seu pai!”*, respondeu ela.

Joaquim sofreu um infarto fulminante semanas antes de João receber o alvará de soltura. No velório, João chegou escoltado por várias viaturas do sistema prisional, sendo visto por vários familiares, vizinhos e demais conhecidos que também estavam presentes no sepultamento, permanecendo no local por cerca de quinze minutos. Perguntei sobre o que sentiu, já que João sempre destacou aspectos relacionados com a mãe em suas narrativas.

– Pô, tomei uma baque né, fí! Porque, tipo assim, meu pai fazia as parada mas era meu pai né véi?! Tinha uns momento bom com ele também, né! Aí eu peguei e falei: Carai!

Tão logo saiu do velório do pai, João retornou para a penitenciária. Passadas algumas semanas, dois dias antes de receber o alvará, João recebeu a informação de que a “dona do movimento” havia sido presa, e mais do que isso, mandou um recado para ele “segurar as ondas” enquanto ela não fosse liberada.

²³ Em outro momento, João explicou a importância de se manter o sigilo sobre uma possível soltura. Caso a informação seja de conhecimento dos “inimigos”, estes tentariam iniciar alguma confusão, no intuito de ser aberto o PAD (Processo Administrativo Disciplinar) e estender a pena do “desafeto”.

– Aí porra, minha mente pah! Falei: Caralho, prometi pra minha mãe! Daí eu também pensei: botou advogado e essas parada, foi tipo uma dívida, não tem?

No fim do mês de março de 2013, João finalmente recebeu o alvará de soltura, após três anos preso. Por volta da meia noite, mesmo debaixo de intensa chuva, João deixava o presídio, ciente de que uma reunião o aguardava, a fim de reorganizar as atividades do tráfico de drogas. Mas João já não era mais o mesmo!

3.3.6 *Livre novamente*

Após receber o alvará de soltura, João não retornou para casa, foi direto para a reunião que já estava preparada e esperando por ele. Com a certeza de que não queria voltar a fazer o que fazia antes, João se sentiu “na obrigação” de ajudar a chefe, mesmo que isso estivesse em conflito com seus anseios e com a promessa que tinha feito para a mãe.

Chegando em casa, após permanecer por volta de uma hora na reunião, já na madrugada, João chamou pela mãe no portão, era a primeira vez em três anos que, livre novamente, poderia dormir em casa.

Cheguei lá muleque, daí vim pra casa. Gritei minha mãe, achou até que eu tinha fugido, falei: “ó o alvará!”, mostrei ela. Ela: “Graças a Deus, meu filho!”. Daí tomei um banho, deitei, daí acordei cedim, já tava no pique de acordar lá cedo, fí, aí fui lá fí!

Por aproximadamente um mês, João continuou gerenciando as atividades ligadas ao tráfico de drogas. No entanto, não era mais como antes. Agora, tudo era feito escondido da mãe.

– Aí o que eu fiz, fiquei um mês, tudo por debaixo dos pano, fí. Tinha que trazer as parada escondida. E pra minha mãe, normalzão. Só que eu não fiquei de ficar na boca, falei: Ó, vou tomar conta, eu tenho que ficar de fora, saí agora!

Muita coisa mudou! João não mais entretive com as circunstâncias da mesma maneira. Por mais que ele tenha voltado para o tráfico num primeiro momento, as coisas pareceram mudar de sentido, a repetição foi de outro modo.

– Aí nesse intervalo, dessas parada, como eu falei com você, eu já não tava tão focado igual eu tava, quando eu saí. Eu passava noite, três dia no plantão, fí, eu gostava de ficar no plantão! Eu podia só recolher o dinheiro, mas eu gostava de ficar na doideira.

Enquanto ainda permanecia no tráfico, João conheceu Maria. Ela, recém-formada em direito, estava envolvida com os processos de João e dos demais integrantes da organização. Embora Maria tenha visitado alguns presos, eles não se conheciam pessoalmente, o que só foi ocorrer alguns dias depois de João já estar em liberdade. Em uma certa noite, João e Maria se encontraram em uma casa de shows, a partir das relações com “pessoas em comum”, e começaram ali um relacionamento.

– Aí ali ela já foi me estimulando também, daí já foi uma parada pra sair fora! Falei com ela: Vou sair fora!. Ela falou: “Rapaz, não fica nessa mais não!”, já me deu uma ideia também.

Com a soltura da ‘chefe’, João cumpriu o que prometera, colocou em prática um projeto que já vinha sendo construído há tempos, quando ainda estava preso.

– Eu já tava com a mente de sair. Aí ela foi e saiu! Acho que deu um mês certinho e ela saiu. Aí eu já tava pah, pra sair fora, minha tia ia arrumar um emprego pra mim.

Em certo momento, durante uma das entrevistas, perguntei a ele como foi comunicar ao grupo – principalmente à chefe – sua decisão de sair das atividades do tráfico de drogas; se antes ele já havia conversado com alguém (exceto Madalena e Maria) sobre o que faria.

Não! Não comentei com ninguém, já fui direto nela. Já fui já com a mochila, com as parada fí, fui determinado mesmo a sair fora! Cheguei lá e falei: Pô, vou sair fora, que arrumei um serviço aí! Ela ainda incentivou, falou: “Pô, é isso mesmo, bacana! ”. Falei: Oh, suas parada tá tudo aqui!

João começou a trabalhar em uma empresa de construção civil, casou-se com Maria, construíram juntos uma casa e tiveram um filho. A vida passou a ser outra!

– Aí casei com seis mês, daí nós construímo essa casa aqui... Aí de lá, eu já saí de lá e fui para outra empresa, fiquei um tempão na outra empresa, aí depois fui pra fábrica, fiquei mais uma cara... Aí construímo aqui. E foi desse jeito, véi!

Com a intenção de ordenar, de maneira sintética, as informações recolhidas por este pesquisador sobre o fenômeno social de interesse, desenvolvemos o Quadro analítico a seguir.

	Rotina	Ambiente	Preocupações - Projetos	Eventos
Com os avós	• Estudar; • Plantar/Colher; • Andar a cavalo; • Pescar.	• Incentivo ao estudo; • Compreensivo; • Pacífico; • Rural.	• Estudar.	• A rotina; • A convivência; • A morte dos avós.
Com os pais	• Ficar sozinho; • "Matar" aula; • Fumar maconha.	• Sem incentivo ao estudo; • Conturbado; • Violento; • Periferia Urbana; • Presença do tráfico.	• "Curtir" com amigos da rua e colegas de escola.	• As brigas dos pais; • Ausência de vigilância; • Novas amizades; • Pular o muro da escola; • "Matar" aulas na locadora; • Usar drogas.
No tráfico	• Ficar dias sem dormir; • Preocupações físicas; • Atividades ilícitas; • Violência.	• Violento; • Hostil; • Dissimulado.	• Ganhar dinheiro; • Comprar drogas; • Comprar armas; • Comprar roupas; • Ser respeitado; • Ser desejado; • Dominar o território.	• Dinheiro "fácil"; • Mortes; • Prisões; • Fugas; • Tensão.
Foragido	• Mudar várias vezes de cidade; • Ficar escondido.	• Ser visto "com outros olhos"; • Medo da polícia chegar.	• Não ser encontrado pela polícia.	• Parentes com medo / receio; • Ficar longe de casa; • A polícia todos os dias invadindo a casa da mãe.
Na prisão	• Não conseguir ter um sono / dormir bem; • Sobrevivência; • "Vida de cão".	• Violento; • Hostil; • "Políticas próprias"; • 'Amizades' e 'Inimizades'; • Precauções específicas; • Tempo que não passa; • Sofrimento.	• Sobreviver; • Reduzir/cumprir a pena; • Receber o alvará.	• Prisão sem condições humanas; • Quebrar as costelas; • Tortura psicológica; • Sofrimento da mãe; • A morte do pai; • Mortes violentas; • Trabalho/Estudo
1º mês "livre"	• Acordar cedo; • "Enganar" a mãe; • Comandar o tráfico; • Dormir em casa.	• Incentivos para largar o tráfico (Mãe, Tia e Maria); • Experiências anteriores; • Falta de "foco" no tráfico.	• Abandonar o tráfico de drogas; • Conseguir emprego formal; • Se relacionar com Maria; • "Quebrar" a rotina anterior.	• Receber o Alvará; • Voltar ao tráfico; • Conhecer / Relacionar-se com Maria; • Comunicar à chefe; • Abandonar o tráfico.
A partir do 2º mês "livre"	• Acordar cedo para trabalhar; • "Vida de casado"; • Cuidar do filho.	• Dificuldades financeiras; • Suporte/incentivo de Maria; • Rotina pacífica; • Descoberta de novas formas de lazer.	• Evoluir (estudar, melhorar de emprego); • Cuidar da família (esposa e filho); • Melhorar a qualidade de vida.	• Trabalhar formalmente; • Ser incentivado a trabalhar; • Construir a casa; • Casar-se com Maria; • O nascimento do filho; • Ser "outra pessoa".

Quadro 1. Síntese analítica da narrativa de vida de João.

3.4 A Transformação Biográfica

“Eu pensei, eu pensei em mudar mesmo, fí! Fiz toda a trajetória de ser outra pessoa” (Relato do sujeito da pesquisa).

Na seção anterior nos debruçamos sobre a trajetória de João. Inevitavelmente, enquanto narrava sua vida, João ordenava os fatos de maneira cronológica, como um esforço de estabelecer uma sequência lógica retrospectiva sobre sua apresentação, sobre aquilo que estava relatando. Enquanto pesquisador, eu também aceitava que a história de vida se “desenrolasse” desta maneira, afinal, ordenar e ter lógica é interessante para a pesquisa, para a produção de um trabalho inteligível²⁴, como por exemplo, na elaboração e exposição do Quadro 1, onde a vida parecesse ser apresentada como um percurso.

Entretanto, é importante esclarecer que não se trata de uma unificação e totalização do ‘eu’, o que fizemos foi focar na trajetória do agente no campo social, aquela que mais interessa à pesquisa.

Durante as entrevistas, quando perguntado sobre a época que entrou para o tráfico de drogas, João relatou entender como um caminho natural a ser seguido, influenciado, principalmente, pelas circunstâncias sociais nas quais estava inserido (amizades; presença constante do tráfico, etc.). Estar envolvido com o tráfico era o que fazia sentido para ele na interação com os seus contemporâneos (VELHO, 2004), estava propenso àquilo (como uma *disposição* no sentido de Bourdieu), como uma reprodução daquilo que havia internalizado em si, apreendido nas relações sociais anteriores.

No entanto, após ficar três anos preso, João saiu²⁵ e, ao menos externamente, pouca coisa havia mudado: seus amigos eram os mesmos, sua residência era no mesmo local, as atividades criminosas no seu entorno continuavam como outrora. Se pensarmos na hipótese mais coerente com o relato anterior de João – sobre entrar no tráfico de drogas – esta seria a de que ele continuou com as mesmas práticas ilícitas de antes de ser preso. Mas não foi bem assim, conforme expusemos na seção

²⁴ Ver Bourdieu (2011a) ‘A ilusão biográfica’.

²⁵ O verbo ‘sair’ e suas conjugações, são muito utilizados por João para fazer referência a deixar a prisão após o recebimento do Alvará de Soltura.

anterior. Dado que as circunstâncias sociais pareciam inalteradas, começamos a pensar em uma mudança interna, entretanto, de modo algum desconectada das experiências do “mundo exterior”. Para tanto, nos baseamos principalmente na fundamentação teórica de Margaret Archer, de que os processos reflexivos, entendidos como conversas internas, nos capacitam para escolher um caminho ao invés de outros possíveis diante das circunstâncias sociais (ARCHER, 2016).

Conforme exposto anteriormente, conheci João há aproximadamente uma década, tão logo ele iniciou seu relacionamento com Maria. Por várias vezes, o escutei dizer: *“Ah se fosse o João de antes!”*, mas não estava claro o que, de fato, isto poderia significar. De modo geral, sabia que ele havia sido preso por estar envolvido com tráfico de drogas, e que, naquele momento, estava namorando Maria.

Com esta noção de uma identidade pretérita (“João de antes”), foi possível, para mim, constituir uma ideia de que ali havia algum processo de transformação biográfica, de reconhecer-se como diferente do que se era antes. Passamos a nos interessar, portanto, nos eventos que poderiam ter contribuído para a construção desta “nova identidade” de João, todavia, não apenas naqueles acontecimentos narrados por ele, mas, sobretudo, nas consequências destes para os seus bens internos, micropolíticas e modo de vida.

Na busca pela compreensão do que se passou, João foi convidado a ser sujeito da pesquisa, e, vale ressaltar, corajosamente aceitou.

3.4.1 As experiências e as conversas internas

A conversação interna designa a maneira pela qual, de forma reflexiva, perfazemos nossa trajetória de mundo (ARCHER, 2016, p. 88).

Nesta seção buscaremos relacionar o que apresentamos na seção anterior – a história de vida narrada por João, exposta sinteticamente no Quadro 1 – com o arcabouço teórico apresentado na primeira parte deste trabalho, principalmente destacando, a reflexividade agencial (conversas internas) que articulam as preocupações, projetos e práticas, conforme propõe Margaret Archer. Afinal, para ela:

Em resumo, tem-se argumentado que os nossos poderes pessoais são exercidos através de um diálogo interno reflexivo, e que a conversa interna é responsável pelo delineamento de nossas preocupações, pela definição dos nossos projetos e, em última instância, pela determinação de nossas práticas na sociedade (ARCHER, 2016, p. 89).

Como já abordamos em seção específica – sobre a exterioridade das conversas internas –, complementarmente às proposições de Archer, buscamos, a partir da história de vida exteriorizada, analisar o afastamento de João da “vida do crime” considerando a influência das múltiplas experiências socializadoras que impactam as deliberações reflexivas; as vivências testemunhadas e gravadas na mente; os eventos extremos e/ou traumáticos vividos ou conhecidos através de relacionamentos interpessoais, os quais podem afetar a maneira de pensar e agir em determinadas situações.

Posto isso, voltemos ao caso empírico.

Antes de me debruçar sobre seu passado, era necessário ter uma noção de quem é o João do presente, como ele próprio se define. Neste sentido, fiz a primeira pergunta de nossa primeira entrevista: Quem é o João hoje?

– O João hoje é um cara que, trabalhador, que pensa muito na família, trabalho pela minha família. É esse cara! E pensando em evoluir mais pra tá ajudando minha família!

Buscando me aprofundar, perguntei, na sequência, o que ele queria dizer com “evoluir”.

– De evoluir, é o crescimento, de um trabalho melhor, de tentar estudar, fazer um curso bom aí, de ter um emprego melhor, entendeu? Pra me dar uma qualidade de vida melhor pra minha família.

Em poucos segundos de entrevista, ‘o trabalho’ foi citado diversas vezes. Sendo assim, realizei a terceira pergunta, sobre a importância do trabalho para ele.

– A importância do trabalho pra mim é tipo assim, eu tenho que trabalhar né cara. A importância, como eu posso te falar, é coisa que tá no dia a dia. Eu penso, é o que eu tô te falando, minha família agora né, cara. Tenho uma família, tenho meu filho aí, pensando em cuidar dele da melhor forma possível, entendeu?

Foi possível constatar que João – ao menos em relação à entrevista – estabeleceu uma identidade²⁶ “em torno” da atividade de trabalhar. Suas primeiras respostas possibilitaram também, depreender que, assim como na pesquisa de Zaluar (1994) em Cidade de Deus no Rio de Janeiro, “a identidade de trabalhador constrói-se em parte por oposição a bandidos e vagabundos que não trabalham” (ZALUAR, 1994, p.132). Se hoje João se identifica como trabalhador, antes, conforme ele próprio menciona por pelo menos por duas vezes nas entrevistas, ele era vagabundo. Foi assim que João se referiu a si próprio, ao relatar que pedia, na época em que estava em regime semiaberto, ao motorista da penitenciária para deixá-lo em outro ponto de ônibus.

– Na época o busão pegava lá quatro hora da manhã, no presídio, eu tinha que tá sete no serviço. Aí cê tá ligado, vagabundo, desembolava com o motorista!

De igual modo se referiu àqueles que, como ele, estavam encarcerados, quando mencionava sobre a rotina na prisão.

– Porque lá cê não tem contato com os agente, então cê tá no meio dos vagabundo ali, não tem como você, tal.

Com apenas três respostas para as três primeiras perguntas, João forneceu importantes elementos sobre suas preocupações e projetos do presente, ao menos “daquele presente”, uma vez que, “os projetos, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente” (VELHO, 1994, p.48).

Além de fornecer elementos quanto às suas preocupações e projetos, as respostas de João também possibilitam destacar a utilização do verbo ‘pensar’, em uma dimensão reflexiva, mencionado quatro vezes por ele – *pensa muito na família; pensando em evoluir; Eu penso; pensando no meu filho agora* –, sempre antes de mencionar o verbo que denota a ação, os planos, os projetos. Entretanto, não estamos nos debruçando sobre as reflexões do “momento presente” de João, muito menos

²⁶ Vale, novamente, destacar que a pesquisa pode influenciar, inevitavelmente, o conteúdo do discurso recolhido (BOURDIEU, 2011). João sabe o motivo de tê-lo escolhido para a pesquisa. Importante ainda mencionar, que a própria construção de uma identidade específica, relaciona-se diretamente com o tema da pesquisa, afinal, João não é só trabalhador, é também filho, irmão, marido, pai, etc. (LAHIRE, 2002). Caso a pesquisa fosse sobre ‘relações entre mães e filhos’, por exemplo, João possivelmente se identificaria como ‘filho de Madalena’.

analisando gramaticalmente suas frases proferidas. Contudo, abriu-se um caminho para analisar sua trajetória a partir de suas reflexões do passado; a partir dos discursos em relação às suas principais preocupações e projetos (ARCHER, 2016), experiências extremas e traumáticas (CORREA; TALONE, 2021) e campo de possibilidades (VELHO, 2004); sobre o que o fez (e ainda faz) “escolher” abandonar o tráfico de drogas, e, portanto, até o momento – sob a perspectiva das práticas anteriores pelas quais foi condenado pela justiça –, permanecer como um ‘ex-trafficante’.

Apoiado nas teorias, fui direcionando as questões das entrevistas de forma a buscar um ponto de inflexão, alguns eventos específicos (CORREA; TALONE, 2021) que pudessem, direta ou indiretamente, ter contribuído para que João passasse a fazer outras avaliações, a enxergar as coisas de uma outra maneira (ZOURABICHVILI, 1997). Para tanto, o questionei em que momento ele percebeu uma mudança em seus anseios, em seus projetos – do João que, dentre outras coisas, queria “dominar o território”, para o João que não queria mais saber do tráfico de drogas. Ficou bem claro que, para ele, tudo começou enquanto estava preso.

– Nos primeiros anos, com um ano, um ano e pouco não pensei em, não! Tava ainda com uma mente de sair e tal. Só que depois vai passando véi e você vai amadurecendo, cê vai vendo as coisas acontecendo, na cadeia, que, que vai, cê entendeu? Morte, e, nêgo que tava com nós lá.

Com pouco mais de um ano preso, João ainda pensava em sair e voltar ao tráfico de drogas. Todavia, segundo ele, com o passar do tempo ele foi “amadurecendo”, a partir, principalmente, dos acontecimentos presenciados na cadeia, citando como exemplo no trecho acima, a morte de quem estava preso com ele. Destaco novamente a utilização do verbo ‘pensar’ na resposta de João.

Ciente de que foi na prisão que ocorreu uma espécie de “antes e depois”; de ‘reformulação de metas’ (CORREA; TALONE, 2021), nas entrevistas, passei a me concentrar nos questionamentos acerca dos eventos ocorridos após a prisão dele. No entanto, o enfoque não era sobre os fatos em si (expostos na seção anterior) mas, e principalmente nas consequências destes eventos para ele, sobre suas preocupações, teoricamente delineadas por suas conversas internas (ARCHER, 2016).

Como método para identificar as conversas internas, passei a observar mais atentamente as expressões e palavras de João, quando este relatava o impacto sobre

si, proveniente daquilo que vivenciava enquanto estava preso. Além do verbo ‘pensar’ (no sentido de reflexão), João utiliza muito o verbo ‘refletir’; ‘falar’²⁷ (no sentido de falar consigo mesmo); e também outras expressões que denotam momentos de reflexão sobre os eventos presenciados, tais quais: *‘minha mente’*; *‘bateu na minha mente’*; *‘fiquei com ‘aquilo na cabeça’*; *‘botei na cabeça’*, *‘já tinha botado na cabeça’*. Em outros momentos, durante a narração de um evento, João relata uma conversa consigo mesmo, diretamente, sem utilizar um verbo anterior (‘falei’, ‘pensei’, ‘refleti’). Para uma melhor compreensão e visualização dos processos reflexivos que captamos a partir das entrevistas, iremos aqui transcrevê-los ‘em negrito’.

No dia em que foi preso, João foi levado para o presídio de Novo Horizonte, no município da Serra – expusemos anteriormente a realidade daquele presídio. Ao chegar e se deparar com uma cela de menos de vinte metros quadrados, com aproximadamente cinquenta detentos, alguns destes pendurados em redes, João nos relatou:

– **Aí falei: Meu irmão!**

Outro evento marcante para João, foi ver a mãe por acaso, quando chegava ao CPD da Serra.

– E eu fiquei naquilo: **“Caralho, vi minha mãe aí, véi!”**.

E continuou:

– Na hora, eu, eu, pô, falar pro cê véi, eu fiquei só, **falei: Caralho, véi!** Fiquei tipo assim, em órbita mano, **não sabia nem o que pensava!**

Quando sofria uma espécie de tortura psicológica por parte dos agentes penitenciários – quando falsamente foi informado que, devido a sua prisão, a mãe havia perdido o emprego – João nos relatou:

– Daí eu já comecei a chorar: **“Caralho véi, acabei com minha mãe!”**.

Após o primeiro julgamento, quando estava com sete meses preso, João tinha esperanças de ser solto, baseando-se no que o advogado o havia explicado e também

²⁷ Somente serão expostas as utilizações deste verbo no sentido de falar consigo mesmo.

pelo o que ouviu do juiz. No entanto, não foi o que aconteceu, ele foi condenado a sete anos e cinco meses de detenção.

– Aí pô, eu com sete mês, eu com sete mês. **“Carai!”**. E esses sete mês já parecia que eu tava uns dois ano. Aí, caralho véi, **“ficar mais dois ano e pouco aqui, fi”**.

Conforme já expusemos, o evento que mais marcou a vida de João, segundo ele próprio, foi quando a mãe chegou com os pés descalços para visitá-lo.

– Aí meu irmão, a parada que mais me marcou fi, na minha vida mesmo, que **eu pensei assim: “Rapá, tenho que sair fora disso!”**, foi o dia que minha mãe entrou descalço na visita.

E completou em outro momento:

– Aquilo dali me quebrou! **Falei: o que que minha mãe tá passando; que ela não precisava tá passando aquilo dali, que ela sempre foi trabalhadeira.**

Quando perguntado se as atividades na penitenciária (estudar, trabalhar), de alguma forma, o ajudaram, João relatou:

– Aí **cê já vai mudando fi, sua cabeça**, já pah, e eu **já tava com outra mente** já.

Quando faltavam poucas semanas para deixar a prisão, o pai de João faleceu.

– Aí fi, **aí eu já refleti mais ainda, falei: carai, agora eu perdi meu pai, mano, agora minha mãe vai precisar mesmo de mim!** Aí que eu tava lá, aí vim, voltei para o presídio, **falei: carai, véi, meu pai!**

Em outro momento, em uma das entrevistas, voltei a questioná-lo sobre eventos que, possivelmente, foram “decisivos” para que ele estabelecesse o projeto agencial de se afastar do tráfico de drogas.

– Minha mãe, meu pai! Quando meu pai faleceu, **eu falei: Agora minha mãe vai precisar de ajuda! Eu fiquei pensando já: se eu for preso de novo, eu tô fudido, véi! Cê entendeu?**

Faltando apenas dois dias para receber o alvará de soltura, João recebeu a notícia de que ‘a chefe’ havia sido presa, e, diante deste fato, ele deveria comandar as atividades do tráfico.

– Aí porra, **minha mente pah, falei: Caralho, prometi pra minha mãe!**

E continuou:

– Daí **eu também pensei: botou advogado e essas parada, foi tipo uma dívida, não tem?**

Em outro momento, quando relatava ter comandado o tráfico de drogas por um mês, após receber o alvará, mesmo indo de encontro aos seus anseios e projetos, João disse:

– **Já tava com a mente de sair!**

E acrescentou ainda, mais adiante:

– Teve uma hora que **eu refleti, falei: Carai, véi, tô dentro de novo, véi!**

Torna-se relevante destacar que, reflexivamente João chegou a uma conclusão: a de possuir uma espécie de “dívida” com ‘a chefe’, pelo fato dela ter contratado os advogados que cuidaram dos processos dele. Muito embora ele tenha decido abandonar a vida no tráfico, para ele, fazia sentido, mesmo que temporariamente, comandá-lo. Se por um lado ele já tinha um projeto estabelecido, no interior da sua mente ele calculou o melhor a ser feito, dada as circunstâncias encontradas.

Durante o mês que ainda permaneceu no tráfico, João começou a se relacionar com Maria. Certo dia, enquanto conversavam, Maria disse a ele: “*Rapaz, não fica nessa mais não!*”.

– Aí mané, essa noite **eu fiquei com aquilo na cabeça, fí!**

Em nossa última entrevista, voltei a questionar João sobre vários eventos narrados por ele anteriormente, na tentativa de captar mais elementos relacionados aos seus processos reflexivos. Em certo momento, João relatou quando conversou com a mãe sobre a decisão de sair do tráfico.

– Daí **eu botei na cabeça**, eu já tinha comentado com ela, e ela falou: “É isso mesmo!” **Já tinha botado na minha cabeça** mesmo que eu ia trabalhar, fí!

Passei a questioná-lo sobre as experiências extremas pelas quais passou na trajetória de sua vida. Muito embora já tivesse identificado vários momentos de reflexão coincidindo, justamente, nas inflexões que denotam as mudanças de preocupações e desenvolvimento de um projeto agencial (a prisão; o sofrimento da mãe; a morte do pai, etc.), conforme venho apresentando nesta seção, era necessário saber a opinião dele sobre a importância destes eventos para o que aqui chamamos de transformação biográfica.

– Ajudou! **De eu pensar que aquilo não convém!** Pro cê vê, **eu pensei, eu pensei em mudar mesmo, fí! Fiz toda a trajetória de ser outra pessoa**, cê entendeu?

Novamente o questionei sobre suas experiências, se alguma vez ele já tinha refletido sobre elas, sobre a influência delas em seu projeto de “ser outra pessoa”, como ele havia relatado.

– **Refleti!** Várias vezes!

Em outro momento, completou:

– Aí é o que eu te falo, essa cadeia pra mim foi uma experiência, pra mim, foi uma experiência de vida. Eu acho que se eu não tivesse passado naquela época lá, ou não taria aqui, ou eu taria preso até hoje, cê entendeu? Ia tá com uma carga maior.

Após relatar uma experiência pessoal minha²⁸, o questionei sobre o que ele entendia como reflexão, sobre a importância de refletir, de conversar consigo mesmo; e também sobre como os eventos que passamos ao longo de nossa vida podem influenciar nossa forma de refletir, nossas preocupações, e, sendo assim, perfazer nossa trajetória neste mundo.

– Você vai somando e depois chega o cálculo lá que cê vê. Quando dá pra você calcular, né véi? Graças à Deus que eu consegui calcular isso. Cê vai vendo um caso, cê vai juntando os ponto e no final de tudo cê vê isso aí. Aí eu consegui enxergar a claridade, irmão! Porque ali cê fica lá no fundo.

²⁸ Assim como João, em determinado momento em minha trajetória, decidi seguir por outro caminho. No meu caso, abandonar uma carreira de mais de uma década em uma instituição financeira para me dedicar à pesquisa em Sociologia. Assim como na história de vida de João, vários foram os acontecimentos que me levaram a conversar comigo mesmo, a refletir sobre o que eu queria da minha vida. De maneira geral, essas conversas possibilitaram organizar minhas preocupações, tanto nos aspectos relacionados ao bem-estar físico, quanto a competências performativas e autoestima, e, sendo assim, colocar em prática um projeto de seguir uma carreira diferente, determinando, em última análise, várias de minhas práticas sociais. Evidentemente, também influenciado por estas experiências pessoais, aqui estou, pesquisando sobre transformação biográfica.

Não tem quando cê olha, cê dá um mergulho e cê olha pra cima e vê aquela luzinha lá em cima? Então, hoje eu consigo enxergar, Graças à Deus! E foi isso!

Já no fim da última entrevista decidi apresentá-lo, de maneira breve, a noção de conversas internas, semelhante ao que Archer (2003) fez nas entrevistas com seus pesquisados, como ela expõe na segunda parte do livro *Structure, Agency and the Internal Conversation*. Como explica Vandenberghe (2008):

Nas entrevistas, os sujeitos foram apresentados à noção de conversação interna, não rejeitada por nenhum deles, e perguntados acerca de suas atividades mentais (planejar, ensaiar, refletir, ruminar, decidir, etc.), suas preocupações correntes (o que mais importa para eles: os outros, o trabalho, o autodesenvolvimento, etc.) e seus projetos de vida (VANDENBERGHE, 2008, p. 12).

De igual modo, perguntei se ele concordava com esta definição sobre os processos reflexivos, como uma espécie de diálogo pessoal que temos conosco no interior de nossa mente (CAETANO, 2013).

– Concordo! É isso mesmo!

Mais adiante, novamente o perguntei se, de fato, quando se está refletindo, se ele compreendia como uma conversa consigo mesmo. De maneira contundente, João respondeu:

– Você tá conversando com você mesmo!

3.4.2 Conversas internas e transformação biográfica

Em várias passagens, foi possível notar uma espécie de esclarecimento de ideias e, porque não, de sentimentos por parte de João. Evidentemente, estamos partindo da análise de seus relatos, afinal, quaisquer que sejam (ou tenham sido) suas conversas internas, estas só podem ser analisadas externamente, através da escrita, da fala, do comportamento, de símbolos e gestos; vide as investigações da mente humana pela psicanálise.

Partindo das experiências que, de certa forma, foram marcantes (caso contrário não as teria relatado), João expõe como foi impactado por elas, na medida em que faz referência àquilo que pensou, sentiu, refletiu, e ainda, como passou a ser transformado por aquilo que organizava no interior de sua mente.

Esta organização de ideias pode ser percebida pelas respostas de João quando questionado sobre o seu entendimento sobre a reflexão, sobre a importância de conversar consigo mesmo, a partir daquilo que havia experimentado. Para ele, refletir o ajudou a pensar que a vida que levava não convinha mais; que refletir é como ir somando e chegar a um cálculo a ser analisado; é ir juntando os pontos e no final conseguir enxergar.

Se com um pouco mais de um ano preso ele ainda estava preocupado em sair e dominar o tráfico de drogas, as ‘preocupações últimas’ foram se alterando, desfazendo as anteriores. Ele passou a estar comprometido com um projeto de abandonar o tráfico; não fazer a mãe sofrer; não voltar para a cadeia; trabalhar formalmente; casar; cuidar do filho; “evoluir”; ser “outra pessoa”.

Importante mencionar que não estamos propondo nenhum tipo de determinismo, no sentido de ajustar a tão famosa frase de René Descartes “Penso, logo existo” para “Reflico, logo pratico”, até porque ao estabelecermos conversas internas, podemos chegar à conclusão que o melhor a se fazer, é não fazer nada.

De igual modo, não estamos propondo que as conversas internas são estabelecidas apenas a partir de eventos extremos, ou seja, aqueles que podem “marcar” a vida de alguém. Ao contrário, podemos refletir sobre coisas rotineiras da vida, como, por exemplo, o que fazer para o jantar; qual roupa vestir; onde estudar; para onde viajar, etc. Ou seja, a reflexividade pode ser entendida, como apontam Correa e Talone (2021, p. 410) “como uma capacidade crítica e deliberativa que varia de intensidade”.

Não se trata também de propor uma hiper-reflexividade agencial para todas as circunstâncias com as quais interagimos, como se a todo instante estivéssemos refletindo e calculando para escolher, subjetivamente, o melhor caminho a seguir, pois, como diz Ana Caetano (2011, p. 167) “os indivíduos podem ter diferentes níveis de reflexividade em contextos sociais diferentes, até porque alguns domínios podem estimular, mais do que outros, o desenvolvimento e a ativação de competências reflexivas”.

Assim como na seção anterior, desenvolvemos nesta seção o Quadro 2 exposto abaixo, uma síntese analítica das experiências de João após ser preso, relacionando com as conversas internas, identificadas a partir da metodologia de entrevistas.

Experiências após ser preso	Conversas Intenas
Penitenciária sem condições humanas.	• Falei: Meu irmão!
Ver a mãe “por acaso”.	• Fiquei naquilo: “Caralho, vi minha mãe aí, véi!”. • Falei: Caralho, véi! • Não sabia nem o que pensava!
Quando era torturado psicologicamente.	• Daí eu comecei a chorar: “Caralho véi, acabei com minha mãe!
Quando foi julgado e recebeu a sentença.	• Carai! • Ficar mais dois ano e pouco aqui, fí!
Quando a mãe chegou com os pés descalços.	• Eu pensei assim: Rapá tenho que sair fora disso! • Falei: o que minha mãe tá passando!
Quando o pai faleceu.	• Aí eu já refleti mais ainda; • Falei: agora eu perdi meu pai, minha mãe vai precisar mesmo de mim.
Quando recebeu o aviso que teria que comandar o tráfico.	• Minha mente pah, falei: Caralho, prometi pra minha mãe! • Eu também pensei: botou advogado e essas parada.
Quando saiu e voltou para o tráfico	• Eu refleti, falei: Carai, véi, tô dentro de novo, véi!
Quando Maria o aconselhou a abandonar o tráfico.	• Essa noite eu fiquei com aquilo na cabeça, fí!
Quando conversou com a mãe que abandonaria o tráfico.	• Eu botei na cabeça; Já tinha botado na minha cabeça mesmo que eu ia trabalhar, fí!
Sobre as experiências extremas na prisão.	• Ajudou! De eu pensar que aquilo não convém! • Eu pensei, eu pensei em mudar mesmo, fí! Fiz toda a trajetória de ser outra pessoa
Sobre a influência das experiências no projeto de “ser outra pessoa”.	• Refleti! Várias vezes!

Quadro 2. Síntese analítica das experiências e conversas internas de João.

Durante a pesquisa foi possível observar também que João praticou diferentes modos de reflexividade. Se para abandonar o tráfico ele relatou que não falou com ninguém e já foi direto na ‘chefe’, decidido a sair, para trocar de emprego foi bem

diferente: no período em que realizávamos as entrevistas João foi convidado a ir trabalhar em uma empresa do setor portuário. Antes de tomar uma decisão, conversou com várias pessoas, inclusive comigo, como se estivesse buscando uma ajuda para decidir.

Se para abandonar o tráfico João assumiu uma postura de ‘reflexivo autônomo’: pensou e agiu. Para mudar de emprego João foi ‘reflexivo comunicativo’: buscou resolver suas questões com a ajuda de diálogos interpessoais (ARCHER, 2003; VANDENBERGHE, 2008, 2016).

A partir de suas conversas internas, foi possível perceber as mudanças em seus interesses principais (ou ‘preocupações últimas’); como ele, subjetivamente, passou a organizar seus bens internos, diante das circunstâncias sociais objetivas enfrentadas, culminando em novas práticas sociais, em um novo modo de vida.

Assim que saiu da prisão, por mais que já estivesse intencionalmente engajado a abandonar o tráfico, João passou a comandá-lo, e neste sentido, é possível compreender que (i) as situações objetivas que ele enfrentou foram ora restritivas, ora capacitadoras, em relação à (ii) promoção de seus interesses particulares subjetivamente delineados, de seu projeto agencial. “Analiticamente, o resultado é o “modelo de dois estágios” (ARCHER, 2016, p. 86).

Se por um lado seu projeto encontrava situações capacitadoras – como o apoio da mãe, a ajuda da tia em conseguir emprego, com os conselhos de Maria – por outro lado, restritivamente, a prisão da ‘chefe’ (e uma noção de ter uma “dívida” com ela), fez com que João, mesmo em conflito com o que havia planejado, comandasse o tráfico, ainda que temporariamente.

Assim como na pesquisa de Velho (1994) sobre a vida de Catarina, João “aprende a lidar com essa situação, desenvolvendo não só estratégias racionais mas, sobretudo, uma capacidade de adaptar-se às circunstâncias” (VELHO, 1994, p. 45). E isso, se deve ao fato de que, por mais que seu projeto seja o que aqui chamamos de projeto agencial, ele não é puramente individual. Na interação com os contemporâneos os projetos podem ser diferentes e até contraditórios. Neste sentido, Velho (1994) explica que:

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de *projetos* com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo de interação com outros *projetos* individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do *campo de possibilidades* (VELHO, 1994, p. 47).

As múltiplas experiências socializadoras também, necessariamente, devem estar em ação, afinal, deve-se considerar a composição heterogênea do patrimônio disposicional internalizado nos atores, ativadas nas possibilidades de interação nas dinâmicas sociais (LAHIRE, 2002). Neste sentido, podemos refletir sobre a possibilidade de João ter desenvolvido seu projeto agencial de transformação biográfica, considerando também o peso das disposições provenientes das experiências socializadoras anteriores à sua entrada no tráfico, como, por exemplo, a vida que levava na zona rural quando morava com os avós, destacada por ele em diversos momentos das nossas entrevistas, conforme detalhamos anteriormente.

Considerando que João destaca o sofrimento da mãe como uma importante demarcação para refletir e decidir mudar de vida, e, diante de toda a complexidade de se analisar e compreender “uma vida”, imaginemos, pois, qual poderia ter sido o trajeto, se, por qualquer que seja o motivo, João não exercesse o papel (BERGER, 2001) de filho, ou ainda, de sobrinho, marido, pai, etc.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, me lancei em um desafio: compreender sociologicamente a transformação biográfica de alguém que já conheço há uma década. Embora haja esta proximidade com o pesquisado, nunca havíamos conversado sobre seu passado, sobre as diversas “fases” de sua vida, suas reflexões, projetos, e mais, sobre o que se passou para que ele constituísse a noção de uma nova identidade, de um “antes e depois” em sua biografia.

Considerando que as influências objetivas de muitas das situações sociais confrontadas por ele, permaneciam, até certo ponto, inalteradas, levantamos a hipótese de uma transformação interna, a qual, reflexivamente delineada, possibilitou colocar em prática um projeto agencial de se afastar da criminalidade.

Para amparar a análise pretendida nos concentramos nos relatos sobre experiências extremas, e, até certo ponto, traumáticas, que levaram o pesquisado a fazer novas avaliações, a não mais interagir com as circunstâncias da mesma maneira, daí a transformação biográfica.

Além dos eventos marcantes, tivemos a pretensão de captar, através dos relatos obtidos por meio de entrevistas, os processos reflexivos, a mudança gradual de anseios do agente social. Fundamentado, principalmente, em Margaret Archer, pretendemos compreender a organização das ideais e delineamento de preocupações, projetos e práticas, a partir das conversas internas decorrentes das experiências vividas na interação com o “mundo exterior”.

Para uma melhor compreensão da narrativa de vida, os acontecimentos destacados pelo pesquisado foram organizados em uma síntese analítica, separados em categorias, quais sejam rotinas; ambiente; preocupações e projetos; eventos; experiências e conversas internas.

Buscamos trazer o entendimento de que projetos são condutas organizadas para uma finalidade com a qual intencionalmente o agente se engaja, como consequência de processos reflexivos precedentes, elaborados e colocados em prática dentro de um campo de possibilidades, entendido como as alternativas que os agentes podem escolher em um determinado momento histórico e dimensão sociocultural.

A partir da problematização sobre a possibilidade de se compreender uma transformação biográfica com base na reflexividade e projeto agencial, e, evidentemente, alicerçados pelas teorias apresentadas e também pelas descobertas da pesquisa empírica, concluimos que as conversas internas, de fato, foram uma forma de organizar, calcular, “ligar os pontos”, diante de vários eventos extremos nos quais o pesquisado esteve “envolvido” em sua trajetória de vida. Conversar consigo mesmo, foi, subjetivamente, uma forma de esclarecer mentalmente sobre aquilo que realmente importa em sua vida; uma maneira de ajustar a rota para um caminho diferente. Entretanto, há que se levar em consideração a dimensão externa, pois, foram eventos externos que influenciaram diretamente suas reflexões; é no mundo exterior onde se apresentam os *scripts*, as possibilidades de escolha; é na exterioridade onde um projeto agencial “se encontra” com os demais projetos, podendo fazer sentido, ou não, na interação com os contemporâneos em determinado momento histórico, social e cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHER, Margaret (2000), **Realismo e o problema da agência**. Estudos de Sociologia, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v. 6, n.2, p. 51-75.

_____ (2003), **Structure, Agency and the Internal Conversation**. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (2007) **Making our way through the world: human reflexivity and social mobility**. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ (2011), **Habitus, Reflexividade e Realismo**. DADOS - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol.54, n° 1, p.p 157-206.

_____ (2016), **“Explicação e Compreensão podem ser ligadas numa história única?”**, in F. Vandenberghe e V. Jean-François (orgs.), *Além do habitus: teoria social pós-boudieusiana*. Rio de Janeiro, 7Letras, pp. 73-94.

BAUMAN, Zygmunt (1998), **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott (2000), **Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna**. São Paulo, Editora UNESP.

BERGER, Peter (2001), **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. 23.ed. Petrópolis (RJ), Vozes.

BOURDIEU, Pierre (2002), **Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos de etnologia kabila**. Oeiras: Celta, 2002 [1972].

_____ (2011a), *‘A Ilusão Biográfica’*, in **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas (SP), Papirus.

_____ (2011b), **A Distinção: crítica social do julgamento**. 2.ed. rev, Porto Alegre (RS), Zouk.

BRASIL, Conselho Nacional de Justiça (2019), **Reentradas e reiteraões infracionais: um olhar sobre os sistemas socioeducativos e prisional brasileiros**. Brasília, CNJ.

CAETANO, Ana (2011), **Para uma análise sociológica da reflexividade individual**. Sociologia, Problemas e Práticas, Lisboa, n° 66, 2011, pp.157-174.

_____ (2013), **A exterioridade da reflexividade: Contributos de Lahire para o estudo empírico do exercício de competências reflexivas**. Revista Cadernos do Sociofilo, Quarto Caderno, UERJ, 2013, p. 27-70.

CORRÊA, Diogo (2020), **Entre o querer e o não querer: dilemas existenciais de um ex-trafficante na perspectiva de uma sociologia dos problemas íntimos**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.32, n.2, p. 175-204, 2020.

CORRÊA, Diogo; TALONE, Vittorio (2021). **An outline of pragmatist theory on reflexivity: exploring the pathways of the concept through social theory**. Revista Sociedade e Estado, v.36, n.2, p. 407-431, 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (1996), **Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia, Vol.3**. Rio de Janeiro, Ed.34.

FREUD, Sigmund (1930), **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos [1930-1936]**. Tradução Paulo César de Souza, São Paulo, Companhia das Letras (2010).

GIDDENS, Anthony (2000), **A vida em uma sociedade pós-tradicional**, In BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott (orgs), *Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna*. São Paulo, Editora UNESP.

GOFFMAN, Erving (2004), **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, Guanabara.

KAUFMANN, Jean-Claude (2004), **A Invenção de Si: Uma Teoria da Identidade**. Lisboa, Instituto Piaget.

LACAN, Jacques (1992), **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise 1969-1970**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

LAHIRE, Bernard (2002), **Homem Plural: os determinantes da ação**. Petrópolis (RJ), Vozes.

_____ (2016), **“O homem plural ou a sociologia em escala individual”**, in F. Vandenberghe e V. Jean-François (orgs.), *Além do habitus: teoria social pós-boudieusiana*. Rio de Janeiro, 7Letras, pp. 39-47.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins, **“Bernard Lahire: contribuições e limites de uma sociologia em escala individual”** in F. Vandenberghe e V. Jean-François (orgs.), *Além do habitus: teoria social pós-boudieusiana*. Rio de Janeiro, 7Letras, pp. 49-69.

PETERS, Gabriel (2019), **Domínios de Existência: realismo crítico e ontologia estratificada do mundo social**. Teoria e Cultura, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF, v.14, n.2, p. 82-106, 2019.

PINTO, Louis (2000), **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Rio de Janeiro, FGV.

SCHUTZ, Alfred (1979). **The problem of social reality**, in *Collected Papers. The Hague, Martius Nijhoff*, v. 1, 1970-1971; e *fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro, Zahar.

TAYLOR, Charles (1985), **Human agency and language: Philosophical Papers I**. Cambridge University Press.

TRIVIÑOS, Augusto N. S (1987), **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas.

VANDENBERGHE, Frédéric (2008), **Você sabe com quem está falando quando fala consigo mesmo? Margaret Archer e a teoria das conversações internas.** Tradução: Gabriel Peters. 32º Encontro Anual da ANPOCS. GT 27: Para onde vai a teoria social contemporânea?

_____ (2016), “**A sociologia na escala individual: Margaret Archer e Bernard Lahire**”, in F. Vandenberghe e V. Jean-François (orgs.), *Além do habitus: teoria social pós-boudieusiana*. Rio de Janeiro, 7Letras, pp. 95-126.

VELHO, Gilberto (1994), **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

_____ (2004), **Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. 7.ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

WACQUANT, Loïc, **Esclarecer o *Habitus***. Educação & Linguagem, Ano 10, n.16, p. 63-71, 2007.

ZALUAR, Alba (1994), **A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. 2. ed., São Paulo, Brasiliense.

ZOURABICHVILI, François (1997), **O que é um devir para Gilles Deleuze?** Tradução Diogo Corrêa Silva. Traduzido de ZOURABICHVILI, François. Qu'est-ce qu'un devenir, pour Gilles Deleuze? Conférence prononcée à Horlieu (Lyon) le 27 mars 1997. Disponível em: horlieu-editions.com/brochures/zourabichvili-qu-est-ce-qu-un-devenir-pour-gilles-deleuze.pdf